



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

PRISCILLA DA SILVA ELOY



**Mestrado Profissional em História da África,
da Diáspora e dos Povos Indígenas**

**A FÁBRICA DE CHARUTOS SUERDIECK NO RECÔNCAVO BAIANO:
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE TRABALHADORES NA DÉCADA DE 1935 a 1950**

**CACHOEIRA – BA
JULHO/2016**

PRISCILLA DA SILVA ELOY

**A FÁBRICA DE CHARUTOS SUERDIECK NO RECÔNCAVO BAIANO:
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE TRABALHADORES NA DÉCADA DE 1935 a 1950**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo Baiano como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Liberac
Cardoso Simões Pires

**CACHOEIRA – BA
JULHO/2016**

Eloy, Priscilla da Silva

E37f A Fábrica de Charutos Suerdieck no Recôncavo Baiano: memórias e histórias de trabalhadores na década de 1935 a 1950/ Adriana Carvalho da Silva. – Cachoeira, 2016.

99 f.: il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Liberac Cardoso Simões Pires.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2016.

1. Fábrica de Charutos Suerdieck – Bahia. 2. Memória e identidade. 3. Representações sociais. 4. Cruz das Almas - BA – História local. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. II. Título.

CDD: 306

PRISCILLA DA SILVA ELOY

**A FÁBRICA DE CHARUTOS SUERDIECK NO RECÔNCAVO BAIANO:
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE TRABALHADORES NA DÉCADA DE 1935 a 1950**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo Baiano como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antonio Liberac Cardoso Simões Pires – (Orientador) – UFRB



Prof. Dr. Wellington Castelluci Junior - UFRB

Prof. Dr. Antônio Luigi Negro – UFBA



Prof. Dr. Leandro Antônio de Almeida- UFRB (Substituto)

Aprovada em 19 / 07 / 2016

CACHOEIRA – BA
JULHO/2016

A minha Vó,
Silvia Santiago Eloy.

AGRADECIMENTO

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
Só levo a certeza que muito pouco eu sei
Ou nada sei
[...] Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz...
(Almir Sater)

O processo de toda caminhada acadêmica não é fácil, e este não foi diferente. Um sonho que almejei e que com todos os embates consegui. Nossa! Foram tantas as dificuldades encontradas durante o processo do curso, dificuldades essas que variavam em todas as etapas da minha vida; foram muitos os desesperos, muitas lágrimas foram derramadas, mas sobre todas essas dificuldades alcançadas, consegui chegar ao final de mais uma etapa.

E para que eu conseguisse chegar ao final dessa etapa, tive o apoio de pessoas que foram imprescindíveis durante essa transição, aquelas que de certa forma, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu pudesse caminhar e chegar até o fim. E a essas pessoas fica aqui todo o meu sincero agradecimento. Acredito que sem vocês seria muito mais difícil ainda esta etapa.

Primeiro agradeço a minha base que são os meus melhores e fieis amigos de toda a minha vida: **a minha família**, na minha concepção acredito que não existam melhores amigos do que a nossa família. Por isso, posso dizer, com toda convicção, que tenho/posuo os melhores amigos, a minha família. Muito obrigada!

Ao meu **Pai** que, com seus conselhos, me conduziu para as melhores decisões.

A minha **Mãe**, por todo incentivo nas horas difíceis.

Aos meus **irmãos**, pela parceria constante de sempre.

A minha **vó Silvia**, pelo ensinamento de que o estudo é o bem mais preciso que o ser humano poderia ter. Dessa forma, ofereceu-me subsídios para todas as etapas dos meus estudos. Meu maior incentivo e exemplo de uma mulher guerreira, que com todas as dificuldades que ela passou, conseguiu criar sete filhos sem pai, e

ainda na idade que se encontra, tem disposição a ajudar os netos, proporcionando – lhes algo que nunca teve. Obrigada minha vó!

A minha **tia Simone**, sempre disposta ajudar em tudo, não me deixou faltar nada, um apoio incondicional. O seu amor, carinho e atenção foram fundamentais.

A minha **tia Suely**, o seu pensamento positivo durante o processo de seleção contribuiu para o meu sucesso: “Se acostume Pri, esse vai ser seu caminho todos os dias”. E foi tia, obrigada pela força de sempre!

A minha **tia Soraia**, suas orações e pensamentos positivos me fortaleceram.

A minha **irmã Lídia**, sua experiência e paciência mais uma vez contribuíram para o meu sucesso.

A minha **prima Luíza**, nossa! Foram muitas vezes que teve que me substituir em minhas aulas particulares, para que eu pudesse assistir minhas aulas em Cachoeira, Lú obrigada! Sua ajuda foi valiosa.

Aos **meus primos**, que contribuíram indiretamente, obrigada pelas palavras de carinho de incentivo de cada um de vocês. Podem ter certeza, que foram fundamentais e, acreditem, são os melhores, os meus melhores!!!

Aos meus **sobrinhos amados Isabelle, Anita e Enzo Gabriel**, nossa não tenho palavras para dizer o quanto vocês são importantes em minha vida. Amo muito vocês!

A **Família Sonho Encantado**, meu local de trabalho, o qual sempre me recebeu de braços aberto, com toda confiança. A minha gratidão por vocês é eterna. Obrigada pelo apoio de sempre!

Ao meu orientador **Prof. Dr. Antonio Liberac Cardoso Simoes Pires**, pela troca de conhecimentos e pela confiança concedida durante o processo de orientação. E ao programa do mestrado pela oportunidade.

Aos meus **colegas de sempre, Daniela, Nilton e Sabrina**, obrigada pelas importantes contribuições. Sei que com vocês posso contar sempre.

E aos **meus colegas dessa árdua caminhada, Jardelina, Flavia e Andersen**, obrigada pelo apoio no dia a dia, dessa trajetória. Foi maravilhoso conhecer vocês, valeu pela troca de conhecimentos.

A **Deus**, pelo o dom da vida!!

Até chegar ao final, a caminhada não foi fácil, em pró desse sonho, tive que me ausentar de várias reuniões familiares, saídas e outras curtições. Amores eu

perdi, pois não são todos que sabem compreender o quanto é árdua e difícil a caminhada até o fim, mais muitos amores também durante esta caminhada eu ganhei. E a certeza de que a melhor opção eu escolhi, e tenho a certeza que este não será o meu final, apenas o início de outra caminhada.

Obrigada a todos! Valeu a pena!

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a Fábrica de Charutos Suerdieck e os seus funcionários. O objetivo norteador foi conhecer o processo histórico e memorial da dinâmica e funcionamento da fábrica de charutos Suerdieck nas décadas de 30 a 50, em Cruz das Almas, a partir das memórias e narrativas que compõem o imaginário individual e coletivo de seus ex-trabalhadores. Partiu-se do pressuposto que, para além da historiografia centrada em documentos oficiais, as histórias sociais e experiências daquelas pessoas que fizeram parte, diretamente, das relações sociais e de produção da Suerdieck, possibilitariam dimensionar, com robusta veracidade, a dinâmica socioterritorial cruzalmense gerada pelo seu funcionamento. A partir de tal pressuposto, o estudo foi desenvolvido no campo da pesquisa qualitativa e quantitativa, à luz da abordagem memorialística como fonte de investigação, em que os sujeitos da pesquisa constituíram-se de ex-trabalhadores do período relacionado, cujos testemunhos dados a partir de entrevistas semi-estruturadas, como também uma investigação de dados com as fichas de registros desses funcionários que permitiram decompor e interpretar o efetivo papel da Suerdieck em Cruz das Almas. O estudo possibilitou refletir sobre as diferentes dimensões dos processos engendrados pela Suerdieck, dentre as quais destacam-se o seu papel como fator de ascensão e privilégio social de seus trabalhadores e, mais do que isso, a sua inserção como vetor referencial das histórias de vida de homens e principalmente de mulheres, que a partir da Suerdieck constituíram uma forma de sobrevivência e organizaram uma visão de mundo.

Palavras-chave: Fábrica de Charutos Suerdieck. Memória. Representações Sociais. Fichas de registros. Cruz das Almas (BA).

ABSTRACT

This work has as study object the Cigar Factory Suerdieck and its staff. The guiding objective was to know the historical process and memorial of the dynamics and functioning of the factory Suerdieck cigars in the 30 to 50, in Cruz das Almas, from the memories and narratives that make up the individual and collective imaginary of its former employees. It was assumed that, in addition to the historiography focused on official documents, social stories and experiences of those who took part directly, social relations and production Suerdieck, would enable scale with robust veracity to cruzalmense socio-territorial dynamics generated by its operation. From this assumption, the study was developed in the field of qualitative and quantitative research in the light of memorialistic approach as a source of research, where the research subjects consisted of the related period former workers, whose testimonies data from semi-structured interviews, as well as a research data with records of records of the officers allowed to decompose and interpret the effective role of Suerdieck in Cruz das Almas. The study made it possible to reflect on the different dimensions of engineered processes by Suerdieck, among which stand out its role as the rise factor and social privileges of their workers and, more than that, its inclusion as a reference vector of life stories men and especially women, who from Suerdieck constituted a form of survival and organized a worldview.

Key - words: Suerdieck Cigar Factory. Memory. Social representations. Records. Cruz das Almas (BA).

LISTA DE FIGURAS

Figura1: Região do fumo do Fumo Bahia Brasil.....	25
Figura 2: Deposito de fumo em São Gonçalo dos Campos	29
Figura 3 Mudas de fumo Sumatra - Bahia:	29
Figura 4: August Suerdieck.	32
Figura 5: Ferdinand Suerdieck.	32
Figura 6: Primeiro rotulo para caixa de charutos novos.	34
Figura 7: Primeiro carro de entrega de charutos nas lojas de varejo.	36
Figura 8: Fábrica em Maragojipe, 1921.....	37
Figura 9: Passarela ligando os prédios da Suerdieck, 1921	37
Figura 10: Gerhard Meyer Suerdieck.	39
Figura 11: Tibúrcia Meyer Suerdieck.....	39
Figura 12: Escritório da Suerdieck em Salvador, 1938.	41
Figura 13: Filial da fábrica em Cruz das Almas, 1935.....	42
Figura 14: Filial da fábrica de Cachoeira, 1936.....	42
Figura 15: Edifício Suerdieck em Salvador.	46
Figura 16: Fábrica de Cruz das Almas inaugurada em novembro de 1935.	51
Figura 17: Fábrica em Cruz das Almas : salão de charuteiras.....	51
Figura 18: Fábrica de Cruz das Almas: salão de anelamento, celofanagem e encaixamento.	52
Figura19: Categoria e Ocupação Habitual –Charuteiro.....	55
Figura 20: . Lugar de nascimento – Porto Seguro (Bahia).	58
Figura 21: Residência – Rua da Estação	61
Figura 22: Residência – Rua Ruy Barbosa.	62
Figura 23: Confecção dos charutos pelas trabalhadoras.	65

Figura 24: Idade 14 anos.....	67
Figura 25: Idade 56 anos.....	68
Figura 26: Forma de Pagamento: Mensal.....	69
Figura 27: Fotografia feminina.....	72
Figura 28: Fotografia masculina.....	73
Figura 29: D. Maria Dórea, ex-trabalhadora da Suerdieck em Cruz das Almas.....	78

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 1: Sexo.....	57
GRAFICO 2: Local de nascimento.....	60
GRAFICO 3: Residência	63
GRAFICO 4: Ocupação.....	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A FÁBRICA DE CHARUTOS SUERDIECK: TERRITORIALIDADE, RELAÇÕES SOCIAIS E DE PRODUÇÃO NA BAHIA.....	18
1.1 UBALDO MARQUES PORTO FILHO E A SUERDIECK.....	18
1.2 FÁBRICA DE CHARUTO SUERDIECK: DINÂMICA E FUNCIONAMENTO NO RECÔNCAVO.....	23
1.3 HISTÓRICO DA SUERDIECK	32
1.4 SUERDIECK E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CRUZ DAS ALMAS.....	50
2 PANORÂMICO DOS TRABALHADORES DA SUERDIECK NO PÉRIODO DE 1935 A 1950.....	54
2.1 SEXO MASCULINO OU FEMININO?.....	54
2.2 ONDE NASCERAM ESSES FUNCIONÁRIOS?.....	57
2.3 ONDE RESIDIAM ESSES FUNCIONÁRIOS?	60
2.4 A FUNÇÃO/OCUPAÇÃO.....	63
2.5 INFORMAÇÕES INCOMPLETAS	66
3 ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES: EX- FUNCIONÁRIAS DA FÁBRICA DE CHARUTOS SUERDIECK.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS.....	94
FONTES	98

INTRODUÇÃO

A fábrica de charutos Suerdieck, objeto de estudo desta pesquisa, foi durante muitos anos umas das principais fontes de renda do Recôncavo Baiano. Era uma empresa que se dedicava à confecção, produção e exportação de charutos e cigarrilhas nos mais diversos modelos. Dessa forma, estabeleceu um papel significativo e representativo na vida das pessoas que estavam inseridas no contexto da fábrica e assim fazendo um paralelo com o progresso das cidades nas quais se instalava.

A Suerdieck e seus funcionários têm centralidade neste estudo, principalmente, por fazerem parte da realidade da família da pesquisadora, que por muito tempo esteve inserida no trabalho com o fumo. Também, o contato direto com documentos da fábrica, numa das atividades de campo do Curso de Licenciatura em História, despertou um olhar curioso de investigação sobre a empresa e seus funcionários, considerando-se, ainda, a importância em preservar a cultura local, em seus diversos eixos, o que se pretende, por meio desta pesquisa, ao estudar a fábrica de charutos Suerdieck no seu âmbito geral, assim como memórias e narrativas das vivências no cotidiano dos seus ex-trabalhadores.

O campo de observação desta pesquisa está voltado para o município de Cruz das Almas, tendo em vista que em 1935 foi aberta uma filial da Suerdieck nesta cidade e também tendo destaque por concentrar todas as atividades da Suerdieck, após o fechamento da principal na cidade de Maragojipe.

Assim, objetivando traçar um perfil histórico da Suerdieck, numa perspectiva “patronal”¹, como também caracterizar o papel da Suerdieck na dinâmica socioeconômica do município de Cruz das Almas, através de análise das fichas de registros de empregados da Fábrica de Charutos Suerdieck na referida cidade e por fim identificar memórias e percepções de trabalhadoras da empresa, que formavam uma classe operária, busca-se operacionalizar o estudo. Um olhar atento sobre o assunto justifica-se também pela necessidade de conceituar e explorar o tema proposto, exibindo fatos sociais que mesmo conhecidos dos públicos cruzalmense, perderam-se no tempo.

¹ Refere-se aqui a este termo, por se tratar de fontes que foram construídas aos olhos dos donos criadores da empresa, mais sendo debatida e questionada a todo momento

Sobre a questão da classe operária o autor Thompson discorre que “a consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradição, sistemas de valores, ideias e formas institucionais” (THOMPSON, 1987, p.10)

Estando voltada para esse contexto, esta pesquisa se concentra no período entre 1935 a 1950. A escolha desse recorte se dá em função de que esse período é considerado o auge da indústria fumageira no Recôncavo Baiano, refletindo assim, expressivamente, na história da economia dessa região, com mudanças e transformações socioespaciais significativas. Em 1935, foi instalada na cidade de Cruz das Almas uma filial da fábrica de charutos Suerdieck, e durante essa fase, foram remodelando suas instalações, chegando a completar, no período de 1955, os seus cinquenta anos de funcionamento, embora algumas fontes esclareçam que a empresa já estava entrando em processo de decadência, uma vez que já tinha se transformado em Sociedade Anônima, no ano de 1946.

Durante esses períodos, o Brasil vivenciou, nas décadas de 30, 40 e 50, início da busca para o progresso nacional, democratização e a industrialização brasileira a partir do Governo Vargas. Na década de 30, acontecia a Revolução de 30, que termina com a República das Oligarquias e assume à presidência da república o político Getúlio Vargas. O presidente Getúlio Vargas dá início ao Estado Novo, caracterizado pela centralização de poder, autoritarismo e perseguição aos opositores, uma década de muitos conflitos militares, nessa década, houve a implementação da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). Na década de 40, ocorreu um aumento das populações urbanas, avanços nos meios de comunicações escrita, falada e modificações realizadas na estrutura do ensino em todos os níveis. E a década de 50 foi marcada por grandes avanços científicos, tecnológicos e mudanças culturais, como também comportamentais. Foi a década em que começaram as transmissão de televisão, provocando uma grande mudança nos meios de comunicação.

É preciso considerar, ainda, que fomentar a discussão sobre o econômico e o social no âmbito local torna-se imprescindível, podendo contribuir para colocar no cenário historiográfico local/regional todo um levantamento de dados históricos sobre a fábrica e respectivamente alguns de seus trabalhadores. A escolha desta fábrica deve-se ao fato da existência de fontes de documentos (fichas de registro de

empregados da empresa, carteiras de trabalho, contracheque, além de outros documentos internos da fábrica) organizados e arquivados no Centro de Documentação e Memória da Faculdade Maria Milza (FAMAM) e também pela sua representatividade enquanto agente produtivo fumageiro, de expressão maior que as outras referidas. Há também fontes de arquivos pessoais sobre a Suerdieck: um livro intitulado “Suerdieck 1905-1955”, Suerdieck 1955, fotografias e jornais. Entretanto, existem outras fontes que são essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa, como o livro do escritor Ubaldo Marques Porto Filho – “Suerdieck Epopeia do Gigante”, dissertações e teses que discorrem sobre a presente temática.

Ao longo da pesquisa, foram examinadas as fichas de alguns dos ex-trabalhadores para levantamento de dados que foram inteiramente importantes para o desenvolvimento da pesquisa, como o sexo, local de nascimento, residência, ocupação, grau de escolaridade, idade, função, forma de pagamento, havendo o cruzamento destas informações com as entrevistas com esses realizadas. Esses procedimentos foram desenvolvidos, para além da historiografia oficial, com centralidade na história oral, uma vez que esta perspectiva permite revelar / interpretar a história nas suas múltiplas dimensões, das factuais até mesmo a conflituosa, procurando sempre preservar e colocar no cenário cotidiano, memórias e vivências.

As entrevistas foram realizadas com antigas trabalhadoras da Fábrica de Charutos Suerdieck. Possibilitar que estes sujeitos históricos voltem ao seu passado, retomando suas vivências históricas é uma das opções metodológicas deste trabalho, uma vez que, segundo Jacques Le Goff, “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente ao qual a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1996, p. 530).

Aliada a esta captura de informações com as fontes orais, paralelamente, ocorreu levantamento bibliográfico, que pode oferecer subsídios para diálogo entre as fontes, que tornaram possíveis todo o processo de construção, análise e discussões dos resultados desta pesquisa.

Deste modo, o estudo compõe-se de três capítulos, sendo que o segundo o terceiro são experimentos realizados com as fichas de registros (experimentos quantitativo/qualitativo) e com as entrevistas de ex – funcionárias da Suerdieck, além

da introdução e as considerações finais. O primeiro capítulo constitui-se de uma breve e objetiva biografia de Ubaldo Marques Porto Filho e a sua relação com a Suerdieck. Há também caracterização da produção fumageira no Recôncavo Baiano, quem vem identificando todas as regiões de maior influência sobre a economia fumageira, como também esclarecendo o que chamamos de recôncavo, observando assim as suas particularidades e enfatizando a importância do processo produtivo fumageiro. Finalizando o capítulo, apresenta-se um histórico da Suerdieck, com um levantamento da formação da fábrica de charutos, desde a chegada de seus fundadores à primeira instalação da firma na cidade de Maragojipe (onde foi construído o primeiro prédio), como também das suas filiais em Cachoeira, Cruz das Almas, assim como as outras empresas que faziam parte do grupo da Suerdieck, sob uma perspectiva dos criadores.

No segundo capítulo, há uma análise das fichas de Registro dos funcionários da fábrica de charutos na cidade de Cruz das Almas. Foram analisadas 221 fichas que estavam distribuídas por anos, selecionadas aleatoriamente, a cada ano, para serem investigadas/analizadas. Dessas fichas, foram selecionados os seguintes tópicos registrados nas fichas individualmente: o sexo, o local de nascimento, residência (nome da rua) e a ocupação. Existindo também informações sobre a idade, data de nascimento, forma de pagamento e grau de escolaridade, essas últimas não podendo ser contabilizada, porque algumas fichas não permitiam acesso a estas informações, motivos relacionados ao estado de conservação das mesmas.

Não sendo computados todos os dados presentes na fichas, porque em algumas fichas as informações de alguns dados estavam em branco, desta forma podendo comprometer os resultados. Mas, dos resultados obtidos, pode-se constatar que a maioria desses trabalhadores eram mulheres, uma massa relativamente significativa dessas mulheres exercia o cargo/função de charuteira e a maioria dessas residiam na Rua da Estação e nasceram na cidade de Cruz das Almas.

O capítulo três está destinado para as memórias dessas ex-trabalhadoras da fábrica, as quais faziam parte do complexo da classe operariado da empresa, sendo elaborado e computado toda uma análise de dados dos mesmos, onde foi observado: a vida dessas ex-trabalhadoras antes de trabalhar na firma; como era que se davam as relações de sobrevivência; mudanças ocorridas após o emprego

na firma; o que melhorou; como ficou a vida; esclarecer como se dava a relação entre os próprios trabalhadores, já que havia uma massa relativa de empregados e assim revelando um pouco dessa relação, como também a relação entre os patrões que estavam na gerência da fábrica. Em alguns casos, algumas pessoas conseguiram ainda alcançar filhos de alguns dos administradores desvendando como ocorria essa relação, e por fim o que representou a empresa na vida dos mesmos, qual é essa representatividade, por que existe tanto significado da fábrica de charutos Suerdieck na vida dessas pessoas, questionamentos que fazem parte dos objetivos a serem contemplados no decorrer da leitura.

Ao entender-se o sentido de vida dessa classe operaria, Thompson declara “estou convencido de que podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural, surgindo de processos que só podem ser estudados quando eles mesmos operem durante um considerável período histórico. (THOMPSON, 1987.p. 12)

Diante disso, esta pesquisa demonstra sua relevância acadêmica por possibilitar a construção do conhecimento no que se refere à História Local, na medida em que evidencia elementos para uma história comparada.

Em um Recôncavo de múltiplas faces, analisar as vivências de gente simples, que com seu trabalho estimulava a economia da cidade, contribuindo para o desenvolvimento da mesma, reflete o valor social deste trabalho, ao dar voz e vez a sujeitos antes relegados pela historiografia, fazendo perceber que todo fenômeno social tem sua história ligada há um tempo e espaço histórico.

1 A FÁBRICA DE CHARUTOS SUERDIECK: TERRITORIALIDADE, RELAÇÕES SOCIAIS E DE PRODUÇÃO NA BAHIA

Este capítulo descreve quem foi Ubaldo Marques Porto Filho e a sua vivência com relação a Fábrica de Charutos Suerdieck, demonstrando a visão do “Patrão” com relação a sua própria empresa. Destaca também a produção fumageira no Recôncavo Baiano ressignificando essa região, ressalta a representatividade da atividade produtiva da Suerdieck no processo de organização econômico-espacial e o papel dos trabalhadores no contexto da fábrica da sociedade e principalmente na dinâmica social do lugar em questão.

1.1 UBALDO MARQUES PORTO FILHO E A SUERDIECK

Ubaldo Marques Porto Filho, autor do livro Suerdieck Epopeia do Gigante, nascido em Salvador, em 5 de janeiro de 1945, na Rua Araújo Pinho nº 7, localizada no bairro do Canela, foi batizado no Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 1945, na Igreja de São Francisco Xavier, localizada no bairro da Tijuca, é escritor, editor, consultor, historiador e biógrafo (PORTO FILHO, 2003, p.397).

Ubaldo é formado em Administração de Empresas, pela Universidade Federal da Bahia, especializou – se em Marketing, comunicação empresarial e turismo. Defendendo a tese Turismo, Indústria do Desenvolvimento, obteve o primeiro lugar, no I Concurso Nacional de Turismo, que foi promovido em 1970 pela Embratur (PORTO FILHO, 2003, p.397).

Como administrador, trabalhou em várias empresas importantes, tais como: Coelba, Grupo Banco Econômico (gerente de marketing turístico), Telebahia (assessor de comunicação social) e na Suerdieck.

Sendo também um estudioso dos fatos que fizeram e fazem a história da Bahia, onde em seu livro “Notáveis do Rio Vermelho” registra várias histórias de personalidades que residiram no Rio Vermelho. Na página eletrônica do autor são destacadas a sua história e trajetórias sobre sua vivência como autor e como cidadão, relata que o mesmo é casado com Maria José, com quem teve seus filhos

Mônica, Ubaldo Neto e Diana e que tem uma neta, Gabriela Rodrigues Marques Porto.

Atualmente, preside a Academia dos Imortais do Rio Vermelho (Acirv), mantenedora do portal oficial do Rio Vermelho, foi um dos fundadores do jornal Folha do Rio Vermelho, que se encontra sendo editado pela Central das Entidades do Rio Vermelho, da qual é um dos diretores (PORTO FILHO, 2003, p. 398).

Ubaldo é autor de dezenas de trabalhos centrados nas temáticas em que é especialista como turismo, cultura, história do Rio Vermelho, biografias familiares e empresariais, onde dos quatorze livros públicos, dez são dedicados ao Rio Vermelho, esse quantitativo lhe confere um recorde nacional é o escritor com o maior número de obras sobre um único bairro de cidade brasileira (PORTO FILHO, 2003, p. 398).

Também foi observado na página eletrônica do autor que o mesmo trabalhou na Bahiatursa, órgão estatal de promoção do turismo baiano obteve o cargo de diretor da revista de título Viverbahia, onde tinha a função de liderar uma reestruturação editorial. Desta forma, acabou promovendo e ampliando a oportunidade da publicação no mercado turístico nacional, medidas essas que lhe promoveram diversas premiações.

Participou da fundação da seção baiana da Associação dos Jornalistas e Escritores de Turismo, uma vez que o mesmo tinha sido o pioneiro na literatura técnica de turismo na Bahia. Destaca ainda que Ubaldo se aposentou pela Coelba (Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia), instituição que trabalhou em vários setores. Nos últimos anos, Ubaldo tem se dedicado com grande perseverança aos livros. O mesmo é autor de 21 obras publicadas e também tem atuado como consultor editorial.

Sobre essas 21 obras publicadas destaca - se o livro “Suerdieck Epopeia do Gigante” (1892- 1999), um livro que conta a história completa do fabricante, internacionalmente famoso, que foi o maior produtor mundial de charutos feitos à mão. Levando em consideração que Ubaldo foi funcionário desta empresa e teve todas as fontes e documentos para realizar o livro cedidos por um dos donos e ex - diretores da mesma. O que se discute mais adiante, neste trabalho.

Referente à Suerdieck, Ubaldo é o ponto que merece maior interesse, pois ele foi funcionário da Suerdieck e escreveu um livro sobre a mesma, uma vez que a

fábrica Suerdieck e os seus funcionários também são objetos de estudo desta pesquisa.

É destaque na página eletrônica do autor e, como já mencionado, que Ubaldo foi funcionário da Suerdieck, pediu demissão antes mesmo de completar quatro anos de trabalho, foi afastado na época com a justificativa que iria exclusivamente cuidar da conclusão do seu curso superior.

Um texto extra, publicado na página eletrônica do escritor Ubaldo, destaca um relato escrito por Geraldo Meyer Suerdieck, ex- presidente do grupo Suerdieck, onde aborda toda a sua satisfação e admiração pelo escritor que transcreveu a história da empresa Suerdieck. Admiração essa que pode ser notada como interesses particulares, uma vez que o escritor em sua obra sempre aparece com um olhar de exaltação a empresa do ex-presidente e amigo, onde ele descreve que “ao afastar-se das atividades empresariais, passou alimentar uma esperança de encontrar uma forma, um meio ou até mesmo alguém que confiasse o relato da sua vida profissional, nesse sentido pensava em uma espécie de memorial ou até mesmo um pequeno livro, com o intuito de deixar como legado para os seus filhos, netos e assim sucessivamente.” E foi assim que Ubaldo Marques Porto Filho apareceu levando um projeto com o propósito bem mais vasto e amplo, do que o desejado e almejado por Geraldo Meyer. Ubaldo trazia um currículo com experiência editorial.

Ubaldo é autor de diversos trabalhos importantes na sua área como administrador e já possuía uma monografia premiada nacionalmente e dois livros publicados. Geraldo revela, no texto que foi publicado na página eletrônica de Ubaldo, que o objetivo do escritor Ubaldo era investigar a trajetória da Suerdieck e das famílias, a partir da Alemanha, numa obra e dimensões grandiosas, que a princípio Geraldo obteve uma desconfiança/dúvida. Ubaldo já possuía características fundamentais para um bom escritor, que com um olhar crítico, investigador, detalhista e exigente foi construindo, pacientemente, cada detalhe da história que resolveu organizar para transformar em um livro. Livro esse cheio de embasamentos pessoais, do interesse da visão do ex-patrão, exaltando sempre com clamor o que foi a Suerdieck. Sendo observado também uma troca de favores de ambos os lados.

Geraldo também declara nesse texto que publicado na página eletrônica de Ubaldo, que se sentiu um pouco incomodado por expor algumas particularidades de

sua vida, que estavam sendo coletadas em encontros realizados semanalmente em conversas informais na varanda de sua casa, apreciando charutos

Nesse contexto, possuindo informações ditas “privilegiadas” sobre o assunto e sem nenhum tipo de “ressalvas”, o autor ficou bem à vontade para escrever o então desejado livro que havia planejado, conforme é exposto na página eletrônica de Ubaldo Marques. Destacando nesse sentido, que há uma certa relação de favores por ambas partes, pois o autor Ubaldo ao escrever o livro ganha privilégios, como também enaltece a fábrica onde trabalhou e tem como amigo um dos ex-fundadores da empresa.

Ainda assim, Geraldo confessa em seu texto que sentiu um pouco de desconfiança a respeito da sua decisão em aceitar o convite do escritor Ubaldo, sobre a escrita do livro e chegar ao conhecimento público às confissões de sua vida e da vida de sua família. Todavia, optou então por deixar a resposta por conta dos leitores. A partir desse desejo, concretizou o livro, o mesmo possuindo uma visão “patronal”, um olhar dos donos da empresa para com o desfecho do livro cheio de particularidades, conteúdos que devem ser analisados e compreendidos cuidadosamente.

Geraldo deixou explícito, que para ele esse livro representa uma consagração, convertendo-se num grande conforto espiritual, não sendo completa a felicidade porque a Suerdieck fechou suas portas, depois de alguns anos que já tinha deixado à empresa, lamentou e sentiu muito o seu fim. Geraldo revela, ainda nesse texto, que a iniciativa da parceria com o escritor não foi fácil, o mesmo temia a reação do público ao saber detalhes revelado sobre a empresa. Todavia, tratava-se de uma situação duvidosa, pois valia desconfiar que tais confissões não iriam lhe comprometer e nem a imagem da empresa a qual ele estava pretendendo “construir”, com detalhes apenas que fossem enaltecer a Suerdieck.

Assim, atribuiu ao escritor Ubaldo Marques Porto Filho a capacidade de ter desenvolvido uma obra tão talentosa nos quesitos conteúdo e informações, no porte de “Suerdieck, Epopeia do Gigante.”

Nesse contexto, o livro de Ubaldo possui quatrocentas páginas, distribuídas em trinta e sete capítulos, que discute e revelam histórias e fatos que permeiam a historicidade do que foi a fábrica de charutos Suerdieck, na visão e na veracidade dos conteúdos sobre o olhar de um dos seus criadores e trabalhador.

Os capítulos do livro discorrem sobre cada fase da empresa, desde a inicial ao fechamento. Inicialmente, o autor começa a obra revelando a origem do nome Suerdieck e como surgiu a família Suerdieck. Também descreve sobre a chegada dos irmãos Suerdieck na Bahia, revelando a intenção e o propósito deles, destaca o início da produção de charutos, onde e como houve a ideia de fabricação dos primeiros charutos.

Revela, minuciosamente, o desenvolvimento da empresa, passo a passo das etapas que a empresa enfrentava durante os anos de produção. Discorre sobre fatos que afetaram diretamente a empresa como a I e a II Guerras Mundiais, falecimento dos fundadores; descreve a formação familiar de cada geração de empresários da empresa, os casamentos formados, os filhos, tudo detalhado e distribuídos em cada capítulo do livro.

É destaque também no livro, o jubileu de ouro dos charutos, período que a empresa completa seus cinquenta anos de funcionamento, apontando as principais características, acertos e erros que fizeram da Suerdieck uma empresa conhecida mundialmente. Discorre sobre os prédios pertencentes ao grupo, que foram criados conforme as necessidades de desenvolvimento. Como também escreve sobre as fases de declínio que a empresa enfrentou até chegar à crise fatal, em que a empresa fechou as portas definitivamente. Assim, é o livro que conta toda a trajetória da empresa que fez a sua história no Recôncavo Baiano.

Embora, com tamanho empenho e interesse de ambas as partes para o desenvolvimento do livro, o autor Ubaldo enfrentou problemas na hora da publicação de sua obra. Conforme exibido na página eletrônica do autor, a obra foi inscrita no Fazcultura (programa estadual de incentivo à cultura, onde o patrocinador da obra entra com 20% de recursos próprios e os 80% do valor total do projeto são de renúncia fiscal do Estado, no recolhimento do ICMS), mas nenhuma empresa se dispôs a publicá-la.

Situação essa motivada porque os empresários temiam as campanhas antifumo que antigamente eram mais intensas e com mais frequências, a uma empresa antiga produtora de charutos, ainda que essa já não mais existisse. Como resultado o livro ficou guardado na gaveta. Sendo de disponibilidade ao público que se interessam pela temática em pdf, pela internet.

Nesse sentido, a obra comentada possui uma relevância para o desenvolvimento da atual pesquisa, uma vez que contempla necessidades sobre o processo histórico empresarial da Suerdieck, descreve particularidades sobre as famílias dos fundadores que estavam inseridas no contexto interno e externo da empresa.

Portanto, deve-se ter um olhar cuidadoso, sobre esta fonte, pois a mesma é cheia de intenção e pretensão, a fim de qualificar a Suerdieck como a empresa que fez história apenas de “boas intenções”, com “bons trabalhadores”, e com “bons patrões”, ou seja, a história vista superficialmente. Desta forma, existe toda uma necessidade de análise crítica e aprofundada, sobre o que está escrito no livro. Diante desses fatos, a obra “Suerdieck: Epopeia do Gigante” de Ubaldo Marques Porto Filho, torna-se uma das fontes documentais, aliadas a outras que norteiam alguns capítulos desta dissertação que estão interligados com a fundamentação sobre a temática desenvolvida. É nessa perspectiva, com o auxílio da referida fonte que se desenvolve esta pesquisa. É o que se vê a seguir nos desfechos dos capítulos.

1.2 FÁBRICA DE CHARUTO SUERDIECK: DINÂMICA E FUNCIONAMENTO NO RECÔNCAVO

Para melhor compreensão do desenvolvimento da Suerdieck no Recôncavo Baiano, é necessário um estudo pautado e centralizado na produção fumageira no Recôncavo Baiano. Essa região é de grande importância para o estado e o país, em razão principalmente do seu significado histórico e cultural. É hoje composto por 33 municípios.² Esses municípios ocupam uma área de aproximadamente 10.662 km², ou seja, 1,885% da área total do Estado. Uma região una e plural por conter características bastante diversificadas, sobretudo no que tange sua economia a partir das culturas desenvolvidas, como o cultivo da cana-de-açúcar, o fumo, a

² São os municípios de Amargosa, Aratuípe, Brejões, Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Cruz das Almas, Castro Alves, Conceição do Almeida, Dom Macedo Costa, Elísio Medrado, Governador Mangabeira, Itatin, Jaguaripe, Jiquiriça, Laje, Maragojipe, Milagres, Muniz Ferreira, Muritiba, Mutuípe, Nazaré, Nova Itarana, Salinas das Margaridas, Santa Terezinha, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Miguel das Matas, Sapeaçu, Saubara, Ubaíra, Varzedo.

cerâmica, a mandioca (nisto se inclui a fruticultura), sem falar nas zonas de pesca e coleta de mariscos beirando mais o litoral.³

Portanto, o Recôncavo baiano é uma região que desde o século XVII foi denominada geralmente de “Campos da Cachoeira”, por se localizar em terras planas e arenosas favoráveis ao cultivo do fumo gênero de grande importância para o comércio agroexportador.⁴ A zona fumageira em relação ao litoral encontra-se mais recuada, constituindo parte do chamado Recôncavo Sul.

Segundo o CEI (Centro de Estatística e Informação – 1940), a referida região estendia-se entre Maragogipe,⁵ Cachoeira, São Félix a Muritiba, interligada pela antiga estrada BA-02. A sua margem direita, seguindo o curso do Rio Paraguaçu, está ligada a Cachoeira pela Ponte D. Pedro II, estando do outro lado do rio a cidade de São Félix-BA. Subindo a escarpa da falha, chega à cidade de Muritiba, encontrando, logo após seis quilômetros, o município de Governador Mangabeira.

Historicamente, o Recôncavo nunca foi uma área homogênea, seja quanto ao substrato ambiental, seja quanto à ocupação econômica. Na verdade, o Recôncavo é um complexo de subáreas especializadas (BRANDÃO, 1997).

A unidade e a complexibilidade do Recôncavo, encarada desta forma, resulta, assim, não só das identidades ou semelhanças encontradas entre as diversas partes que o compõem, mas, e talvez principalmente, das diferenças de estrutura e função que existem entre essas subunidades, que se ligam, por um processo complexo de interdependência e de especialização, no conjunto harmônico, embora não uniforme (COSTA PINTO, 1997 apud BRANDÃO, 1997, p.106)

Partindo desse ponto de vista, Costa Pinto (1997 apud BRANDÃO, 1997) propõe a seguinte subregionalização para o Recôncavo: zona da pesca e do saveiro – na orla marítima e nas ilhas; zona do açúcar – nas terras de massapê; zona do fumo - mais recuada do litoral; zona da agricultura de subsistência – área descontínua, embora concentre-se mais na direção das fronteiras do Sul e do Sudoeste; zona do petróleo – originada e concentrada nas terras de massapê, nas ilhas e na orla marítima; zona urbana de Salvador – de características

³ Observação feita por MIRANDA, Barcellos Jôsy. **E não se ouvi mais o apito da usina: histórias, memórias e o cotidiano da comunidade negra rural do Engenho da Vitória, em Cachoeira/BA.** UFRB. Cachoeira. 129p. Dissertação de Mestrado que discute sobre as histórias, memórias e o cotidiano da comunidade negra rural do Engenho da Vitória em Cachoeira\BA.

⁴CARVALHO. De Maria Cristina Machado. **A Família Cazumbá em São Gonçalo dos Campos 1870-1910.** UFRB. Cachoeira. 128p.

⁵ Maragogipe a grafia da palavra correta é esta, porém em todos os documentos consultados, a palavra encontra –se escrita Maragogipe, sendo utilizado no texto a grafia correta.

metropolitanas, cujo crescimento e função representam os principais fatores de determinação de unidade e diversidade do conjunto.

Segundo Costa Pinto (1997), a cultura do fumo passou a ser, por sua vez, uma lavoura típica do Recôncavo, na segunda metade do século XVII (Figura1). Plantado em Maragogipe e São Félix, o fumo de mata era o mais fino e houve tentativas de cultivá-lo racionalmente para substituir o fumo para encapar o charuto, tradicionalmente importado de Sumatra. O tipo beira-campo era mais cultivado em Cruz das Almas, São Gonçalo dos Campos e Conceição do Almeida; é o tipo mais comum e em torno dele se concentra a zona fumageira do Recôncavo. O tipo do sertão é rústico, sendo utilizado para fazer o fumo de corda (COSTA PINTO, 1997 apud BRANDÃO, 1997), conforme citação abaixo e informações contidas na Figura 1:

Na Bahia reinava o fumo para charutos. Plantava – se em larga escala, com predominância dos pequenos lavradores. Costumava – se dizer que o fumo era a lavoura dos pobres. Havia milhares de fumicultores. O fumo constituía – se numa autêntica lavoura de fundo – de – quintal, de forte tradição familiar, transmitida de geração a geração. Em qualquer casa rural, em qualquer ponta de terra encontrava – se uma plantação. O fumo era sinônimo de dinheiro certo, de dinheiro vivo, sendo o sustentáculo da economia de subsistência, garantindo a sobrevivência dos minifúndios. Cultivava – se o fumo em cinco zonas, denominadas de acordo com as espécies: Mata Fina, Mata Sul, Mata Norte, Sertão e Feira. (PORTO FILHO, 2003, p. 272).

REGIÃO DO FUMO BAHIA-BRASIL

ZONAS		CARACTERÍSTICAS DO FUMO	PRINCIPAIS MUNICÍPIOS PRODUTORES
RECÔNCAVO	MATA FINA	PALADAR FORTE, AROMA REDONDO, TEXTURA Densa, ÓTIMA ELASTICIDADE, COMBUSTÃO MUITO BOA, EXCELENTE PARA CAPAS, CAPOTES E TORCIDAS, INDISPENSÁVEL AOS CHARUTOS DE PRIMEIRÍSSIMA QUALIDADE.	* SÃO GONÇALO DOS CAMPOS * CONCEIÇÃO DA FEIRA * CACHOEIRA * SÃO FELIX * MURITIBA * GOVERNADOR MANGABEIRA * CRUZ DAS ALMAS * SAPEAÇU * CONCEIÇÃO DO ALMEIDA * SÃO FELIPE * MARAGOGIPE
	MATA SUL	PALADAR SECO, MAIS LEVE E MENOS AROMÁTICO, POUCO RENDIMENTO PARA CAPAS E CAPOTES, MAS PERFEITO PARA FORMULAÇÃO DAS TORCIDAS.	* CASTRO ALVES * SANTA TEREZINHA * ELÍSIO MEDRADO * AMARGOSA * SANTO ANTÔNIO DE JESUS
	MATA NORTE	PALADAR LEVE, AROMA LIMPO, BOA COMBUSTIBILIDADE, BOM PARA TORCIDAS.	SANTO AMARO TEODORO SAMPAIO CORACÃO DE MARIA * CONCEIÇÃO DO JACUIPE SANTO ESTEVÃO
	FEIRA	QUALIDADE INFERIOR	ALAGOINHAS
SERTÃO	QUALIDADE INFERIOR	Não usados pela Suerdieck	SANTA INÊS BREJÕES ITABERABA RUI BARBOSA

(*) Localização dos treze armazéns de compras do Grupo Suerdieck.

Figura 1: Região do Fumo Bahia - Brasil.
Fonte: Suerdieck Epopeia do Gigante

Em torno do cultivo, transformação e comercialização do fumo, concentrou-se parcela expressiva da população dessa subárea do Recôncavo, o que lhe conferiu funções particulares: a multiplicação de trabalhadores ligados a atividades secundárias e terciárias e uma população rural não agrícola, vinculada aos escritórios das fábricas e aos armazéns e trapiches das firmas exportadoras (COSTA PINTO, 1997 apud BRANDÃO, 1997). Progressivamente, as fábricas de charutos foram chegando. Em Maragojipe, a primeira fábrica instalada, em meados do século XIX, denominava-se “Manuel Vieira de Melo”. Com a chegada da Dannemann, em São Félix no ano de 1873, e da Suerdieck, em 1905, completou-se o parque industrial, voltado para fabricação de charutos finos. Os charutos populares, os famosos “Regalos de Balaio”, eram de fabricação doméstica (REIS et al, 1998).

O corpo de um charuto é formado por três partes: torcida, que vem ser o enchimento, também chamado de bucha ou embuchamento; capote, a subcapa ou cinta de revestimento do miolo; e capa, que é o arremate final, a folha externa do charuto.

A chave para se obter bons charutos consiste, primeiramente, em se saber combinar fumos na formulação das torcidas e na perícia da escolha das folhas para os capotes e capas. A Suerdieck utilizava fumos de três fontes: 1. Bahia – Brasil, dos tipos Mata Fina, Mata Sul e Mata Norte, para aplicação em torcidas, capotes e capas; 2. Arapiraca – Brasil, usando em torcidas, capotes e capas; 3. Sumatra- Brasil, aplicado exclusivamente em capas. Era chamado de Agro, por causa da procedência, dos cultivos especiais da Agro Comercial fumageira. (PORTO FILHO, 2003. p. 277).

Durante as leituras realizadas, como também nas falas de alguns depoentes, o segredo dos bons charutos consistia na qualidade das safras e no descanso dos fumos. Um bom charuto também era determinado por outro fator muito importante o processo da produção. Os charutos que se diziam ser de boa qualidade eram feitos totalmente à mão, mesmo sabendo que a fabricação demandava mais tempo e custos, pois somente pelas mãos de charuteiras podia-se obter irretocável arrumação das folhas nas torcidas inteiras, no preparo dos capotes, nas capas e no esmero dos bicos.

As fábricas de charutos do Recôncavo, que no dizer de COSTA PINTO (1997, p. 134) “foram instituições urbanas e urbanizantes”, promoveram uma revolução industrial na região, podendo-se falar até na emergência de um novo sistema econômico, em coexistência com os outros, em função do qual surgiram novos tipos de relações sociais e novos valores humanos:

a mulher operária é responsável pelo sustento da família; o gerente ou administrador do estabelecimento industrial; a pequena burocracia urbana, White collar, dos escritórios das empresas privadas, distintas daquela formada pelos oficiais do serviço público; e outros tipos sociais semelhantes, quase inexistentes no padrão tradicional de relações sociais (COSTA PINTO, 1997, apud BRANDÃO, 1997 p. 134)

Uma fábrica de charutos artesanais depende de um vasto contingente de mão – de – obra especializadíssima, formada na tradição, em que os ensinamentos são repassados de forma gradual, no dia –a – dia, no seio de famílias inteiras, de pai para filho, de mãe para filha, de geração a geração. Não há compêndios, nem fórmulas para treinamentos. O Know – how é adquirido na prática de uma tradição secular, de uma cultura que forja artesões exímios, dotados de excepcionais habilidades manuais e de privilegiadas condições visuais e de tato. (PORTO FILHO, 2003, p. 277).

Nos últimos anos do século XIX e ao raiar do século XX, a lavoura fumageira constituía o principal artigo de exportação, já contando com a instalação das fábricas de charutos, contribuindo assim com as rendas auferidas pela exportação na economia da Bahia, tornando o Recôncavo o maior fornecedor de fumos e derivados de todo o Estado. E assim foi o Recôncavo até mesmo quando deixou de ocupar o lugar de destaque, por ocasião das sucessivas crises e dificuldades que a lavoura fumageira enfrentou. A fase áurea da economia fumageira se deu nas décadas de 20 e 30 do século XX. A partir da II Guerra Mundial, a crise dessa zona do Recôncavo recrudescer. Sucessivamente, as fábricas foram sendo fechadas. Em Maragojipe e São Félix, restou apenas a Suerdieck que, em 1965, iniciou um lento e progressivo processo de diminuição de suas atividades, transferindo as linhas de produção mais modernas para Cruz das Almas. No início da década de 90, essa empresa fechou suas instalações também nesse município. Simultaneamente à crise das grandes firmas, foram desaparecendo ainda os pequenos fabricos, as bancas domésticas.

Com efeito, a produção e exportação fumageira dos tipos superiores, do Recôncavo, favoreceu à Bahia fortes relações comerciais com o exterior, principalmente com as cidades de Bremen e Hamburgo na Alemanha, que tinha no ano de 1827 os seus consulados instalados na capital deste Estado. O mercado mais importante de fumo de charutos de toda a América era representado pela Alemanha, onde a cidade de Bremen alcançou, no ano final do século XIX, o primeiro lugar na importação mundial de fumos e folhas. E, no início do século XX, o fumo da Bahia, maneira como é denominado o fumo no Recôncavo, ocupou lugar de destaque no comércio de Bremen, que antes era apenas dividido com os Estados

Unidos. O Recôncavo exportava fumo tanto para o estrangeiro como para outras áreas internas do país, como também mantinha uma grande parte das indústrias locais. A Bahia, ao mesmo tempo em que se constituía como grande importador de fumos variados, também adquiria os produtos alemães. Essas relações comerciais mostravam o reflexo do controle do mercado de fumo baiano pela Alemanha, onde tais relações resultavam na exportação do fumo bruto, que naquele país era beneficiado e reexportado como fumo de primeira qualidade para ser utilizado nas manufaturas do Recôncavo a preços altíssimos.

Segundo Anfílofio de Castro, um memorialista da cidade de Muritiba – Ba, em sua obra “Muritiba, Cachoeira e São Félix e seus arredores”, representava o centro da cultura fumageira do Recôncavo, desde a colonização até o período de retração econômica, seja pela qualidade do fumo ou pelos produtos ali produzidos. Outeiro Redondo, distrito de São Félix, recebeu incrementos do governo pela sua produção de safras apreciáveis na balança do Estado. O fumo de São Félix era de fato uma produção para o exterior, ou seja, a melhor espécie exportada pelo Brasil, por corresponder às exigências do mercado europeu, na produção de charutos finos. Assim, o Recôncavo Sul da Bahia passou a ser o mais importante centro fumageiro e de exportação, embora em diferentes períodos, representado por Maragogipe, Cachoeira, São Félix, Muritiba, Cruz das Almas, São Felipe, Nazaré, Santo Antônio de Jesus, e assim percorrendo ambos os lados do rio Paraguaçu, os chamados tabuleiros terciários, recuados sempre no litoral, formando zonas naturais produtoras de fumo, práticas essas de onde procediam várias espécies de folha de fumo, apropriadas ao fabrico de charutos. A produção fumageira, desde os anos 30 do século XX, já havia se estendido a outras áreas do Estado, como Coração de Maria, São Miguel das Matas, São Gonçalo dos Campos e Castro Alves (Figura 2), e assim alcançando 101 municípios dos 152 existentes na época. Desta forma, caracterizando e demonstrando sua grande importância como produto agrícola e de peso na economia da Bahia.

O Recôncavo, principal região do cultivo, produz o tipo genericamente denominado Bahia-Brasil, que se subdivide, pois há diferenciais qualitativos, a depender da localização e da característica da lavoura. Como exemplo cito a zona do fumo Mata Fina, de propriedades ímpares. Na margem direita do Paraguaçu e pelos tabuleiros de Cruz das Almas, encontram – se os fumos altamente aromáticos. Na outra margem, nos campos de Belém de Cachoeira e São Gonçalo dos Campos, estão os fumos uniformes na coloração e na classe, que os Alemãos chamam de “Wurtzig” (picante). (PORTO FILHO, 2003. p. 346).



Figura 2: Depósito de fumo em São Gonçalo dos Campos
Fonte: Suerdieck Epopeia do Gigante.

O processo de evolução econômica da cultura fumageira no Recôncavo é que contribuiu para a instalação e ampliação de várias empresas de manufaturas desse produto. Dessa forma, coincide com a época das importantes e grandes exportações de fumo com o surto manufatureiro, localizado em especial nas cidades de Maragojipe, Cachoeira, São Félix e Muritiba, municípios que tiveram seu auge e passaram por crises até a década de 50, data que marcou o começo do processo da decadência da produção fumageira na região. Em 1941, por época da comemoração do terceiro ano de governo do interventor da Bahia Landolfo Alves, num boletim que informa as suas principais obras, a lavoura do fumo ainda tinha elevada apreciação porque foram incorporados ao campo de Fumo de São Gonçalo mais cem hectares de terra.



Figura 3: Mudas do fumo Sumatra-Bahia
Fonte: Suerdieck Epopeia do Gigante.

A cultura fumageira definiu, ao longo do tempo, uma hierarquia nova para os municípios da região, uma importância no desenvolvimento econômico e sócio-espacial, emprestando à sua população diferentes características culturais regionais.

Portanto, a produção fumageira tinha importância não apenas como produto auxiliar de sua economia, mas também como produto primário de uma sociedade, que além de ser uma paisagem natural, delineou-se como paisagem humana e social, características de suas propriedades, ou seja, desde o cuidado na roça (trato), ao uso na fabricação de charutos (processo altamente delicado) até o comércio. Esse processo de evolução da importância do fumo na região revelou o grau de envolvimento da população, que se dedicou, ao longo do tempo, ao seu plantio, beneficiamento e manufatura, delineando dessa forma uma fisionomia social e cultural do Recôncavo fumageiro.

Assim sendo, o domínio da cultura do fumo representou outra economia, ou seja, outra vida, outra cultura, refletindo na formação de uma diferente sociedade do Recôncavo açucareiro. Conforme Mello (2001), entre as décadas de 1940 e 1950 verificou-se em Cachoeira o fechamento de diversas fábricas, algumas como reflexo da derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, que determinou o confisco dos bens de origem germânica, estando entre estes os detentores do controle da fábrica Dannemann, em São Félix. A indústria sofreu intervenções, fechando as portas e desempregando um grande número de pessoas, que não foram absorvidas pela Leite Alves e Suerdieck, fábricas localizadas em Cachoeira. Em 1948, o comércio do município sofreu um forte impacto em sua performance, em face da grande enchente do Rio Paraguaçu.

A Suerdieck, como já mencionada neste trabalho, expandia seus negócios por todo o Recôncavo Baiano. Com o surgimento da exportação do fumo de 1892-1905 e a iniciativa da fabricação de charutos, ocorreu o desdobramento da firma pelo então Sr. August Suerdieck em duas distintas a Aug. Suerdieck (Exportador de Fumo) e A. Suerdieck (Fabricante de Charutos).

Dessa forma, em tão pouco tempo, havia reais apreciadores para os charutos Suerdieck e o número de fregueses crescia dia a dia. Caminhavam, assim, a passos tímidos, os charutos Suerdieck, ao lado das já tão grandes e afirmadas marcas da concorrência.

É nesse contexto que se analisa neste estudo o papel da Fábrica de Charutos Suerdieck, possivelmente uma das mais “representativas” do Recôncavo fumageiro, o que se faz na próxima seção.

1.3 HISTÓRICO DA SUERDIECK

A Suerdieck, fábrica de charutos extraordinariamente denominada por um administrador de empresas e também um ex-funcionário, Ubaldo Marques Porto Filho de “gigante dos charutos”, empresa nacional no ramo da fabricação (elaboração, confecção, exportação...) de charutos, fez, no âmbito socioeconômico, uma história no Recôncavo Baiano.

Ubaldo Marques Porto Filho, como já mencionado nesta pesquisa é um ex – trabalhador da fábrica de charutos Suerdieck e que para escrever o livro “Suerdieck: Epopeia do Gigante”, contou com o apoio de um dos ex- funcionário e donos da fábrica Geraldo Meyer Suerdieck. Nesse contexto, percebe-se nas entre linhas do conteúdo do referido livro uma visão “Patronal” sobre a empresa em destaque. Cabendo assim, um olhar crítico e analítico sobre a fonte mencionada.

Esta história tem início com a vinda do Sr. August Wilhelm Suerdieck, em 1888, (figura 4) para a cidade de Cruz das Almas, como funcionário da firma F.H. Óttens, com o propósito de vigiar o enfardamento do fumo na região. August Suerdieck era de uma família que estava inserida na cultura do fumo, sendo o seu pai comerciante e seu avô produtor na Europa.

Passados quatro anos, em 1892, alcançava pela própria firma em que trabalhava, o seu primeiro armazém, que originou a sua firma, que apenas em 1899 é registrada sob a razão social A. Suerdieck (SUERDIECK S/A, 1955, p.15), voltada para o enfardamento, exportação e compra do fumo.

Neste mesmo ano, o Sr. August Suerdieck ampliou seus negócios para a cidade de Maragogipe, construindo o prédio na praça, atualmente conhecida como Sebastião. Em decorrência da expansão dos negócios, chegou à Bahia o seu irmão, Sr. Ferdinand Suerdieck, para auxiliar na fabricação de charutos (figura 5).

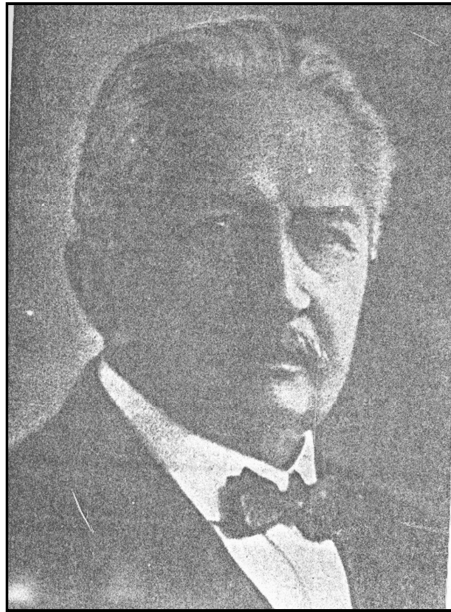


Figura 4: August Suerdieck.
Fonte: Suerdieck S/A Charutos e Cigarrilhas

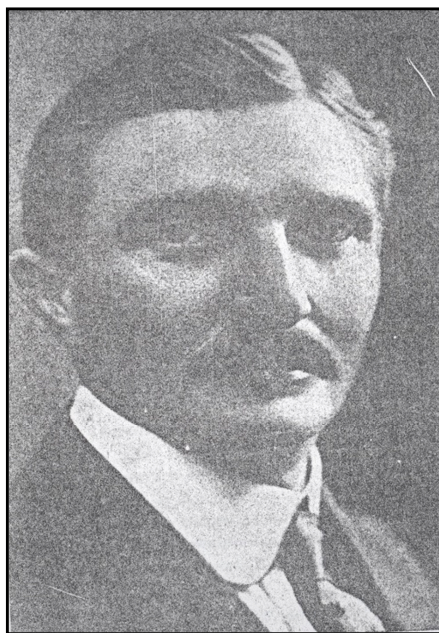


Figura 5: Ferdinand Suerdieck.
Fonte: Suerdieck S/A Charutos e Cigarrilhas

Em 1905, ambos os irmãos iniciaram a fabricação de charutos na primeira Fábrica de Charutos Suerdieck, que se localizava em Maragojipe. Sobre a escolha desta cidade para a instalação da primeira fábrica, Elieser César na matéria: “O império do Tabaco”, no jornal Correio da Bahia, Salvador – Ba (2000, p.4) explicou que: “A cidade oferece ótimas condições para a instalação da fábrica: excelentes

charuteiras, rio navegável com porto natural, que facilitava o escoamento da produção para Salvador e de lá para o exterior”.

A opção por Maragojipe foi em função de quatro determinantes básicos: tradição da mão – de – obra, através de exímias charuteiras; localização privilegiada, no eixo do Rio Paraguaçu e com porto acessível aos vapores; transporte fácil de mercadorias, por meio de inúmeros saveiros que faziam a interligação com Salvador, num percurso de 32 milhas; e a infra – estrutura oferecida pela cidade. (PORTO FILHO, 2003. p. 27)

A escolha desta cidade e não Cruz das Almas estava associada ao sentido de que a mesma não proporcionava nenhuma das qualidades e facilidade oferecidas pela cidade de Maragojipe. Cruz das Almas ainda era uma vila, desmembrada de São Félix, em 1897, recebendo o título de Vila de Cruz das Almas, sem estrutura alguma de cidade, o seu principal problema consistia no posicionamento geográfico, ficando um pouco distante do Rio Paraguaçu, que naquele período era a via de escoamento das então riquezas existentes do Recôncavo (PORTO FILHO, 2003. p. 27).

Sobre a iniciativa para criação dessa fábrica, é observado nos documentos oficiais que a mesma foi idealizada pelo Sr. Ferdinand, influenciado por um olhar crítico sobre as atividades de enfardamento e compra do fumo, que duravam um período de seis meses apenas, ficando assim o outro semestre sem atividade, e da observação feita dos seus trabalhadores em prepararem charutos para apreciação do fumo adquirido pela empresa.

Por iniciativa de Sr Ferdinand Suerdieck, surgiu a ideia de uma fabricação de charutos, que, posta em prática, a princípio embora vacilante, foi pouco a pouco se desenvolvendo e progredindo, chegando mesmo a constituir objetivo sério para a consecução do qual não pouparam esforços nem mediram sacrifícios. (SUERDIECK S/A, 1955, p.19)

Com o passar dos anos, da estruturação e da organização da fábrica, o quadro dos funcionários elevou-se, crescendo gradativamente, de modo que o Sr. August Suerdieck resolveu estabelecer o desmembramento da sua firma em duas distintas, a saber: Aug.Suerdieck- Exportadora de fumo e A. Suerdieck - Fabricante de charutos (SUERDIECK S/A, 1955, p. 21).

Dois anos se passaram, e, em 1907, a fábrica muda de endereço, passando para um edifício próprio, na antiga Rua do Fogo, hoje Rua D. Macedo Costa,

evoluindo para treze o número de funcionários em seu quadro funcional, sendo gerenciados por um técnico da Europa, vindo especialmente para esse cargo, o Sr. Carl Jetzler (SUERDIECK S/A, 1955, p. 21).

A demanda das vendas dos charutos cresceu, tornando amplos os negócios, o que gerou a necessidade dos irmãos August e Ferdinand Suerdieck suplicarem pela vinda de um parente, o Sr. Gerhard Meyer Suerdieck, que por sua vez tinha acabado de terminar os seus estudos voltados para o fumo. Assim, desembarcou na cidade de Maragogipe, no dia 2 de maio de 1909, tornando-se o encarregado de gerenciar a fábrica.

No dia 2 de maio de 1909 desembarcou em Maragogipe um alemão de 22 anos, identificado pelo povo como “o gringo que chegou para o Fernando”. Chamava – se Gerhard Meyer, novo gerente da fábrica comandada pelo Ferdinand Suerdieck, que no ano seguinte passou para um prédio bem maior, na Rua Pedra Branca. (PORTO FILHO, 2003. p. 30)

Mesmo com o crescimento e a muita exigência sobre fabricação dos charutos e diante das situações em que a fábrica se encontrava, sem muitos recursos para melhor desenvolvimento para fazer face as exigências de serviço (SUERDIECK, 1955, p. 22), ela avançava, criando novas marcas de charutos. (Figura 6).



Figura 6: Primeiro rótulo para caixa de charutos novos
Fonte: Suerdieck Epopeia do Gigante

Contudo, para tentar solucionar alguns desses problemas, como a falta de espaço para suprir as necessidades do serviço, uma vez que a demanda da fabricação aumentava constantemente, ao ponto em que uma boa parte do trabalho era compartilhado em casas particulares e nas mesmas era executado, a fábrica novamente foi transferida em 1910, dessa vez para um sobrado na Rua Pedra Branca.

Já por volta do ano de 1913, foi construído um prédio próprio ampliando normalmente a fábrica, tornando-se desta forma um estabelecimento organizado. Organização essa, que se pode supor que estava voltada para o interesse particular dos donos e gerentes e que para alcançar tais objetivos utilizavam todas as oportunidades.

Durante esse período, paralelo à fabricação de charutos, dedicou-se aos experimentos do cultivo do fumo capeiro⁶, o mesmo utilizado para a fabricação dos charutos. “Em 1914 houve a junção das duas firmas, passando a girar sob a razão social SUERDIECK & CIA, quando foi admitido como sócio o Sr. Ferdinand Suerdieck” (SUERDIECK, 1955, p. 25).

No dia 1º de julho a firma Aug. Suerdieck foi sucedida pela Suerdieck & Companhia, tendo como sócios os irmãos August e Ferdinand. Gerhard Meyer ficou como procurador. No ano seguinte as dificuldades surgiram no rastro da Primeira Guerra Mundial, que, na Bahia, ocasionaria o fechamento de várias pequenas fábricas de charutos. Na Suerdieck os fumos importados de Sumatra e Java, via Holanda, ficaram escassos e depois faltaram paralisando a fabricação dos charutos com capas claras. (PORTO FILHO, 2003. p. 33)

Este foi um período bastante conturbado, pois apresentava uma fase com muitas dificuldades, em decorrência da eclosão da I Guerra Mundial, ocorrendo um deslocamento da “matéria básica utilizada para a fabricação dos fumos de capas que vinham das Índias Holandesas, de Sumatra e de Java, passando pela primeira vez via New York.” (SUERDIECK, 1955, p. 25). Foi também neste período que a firma perdeu um dos seus principais e maiores consumidores, que era a Alemanha, ficando limitada apenas a Holanda.

Quando o ritmo dos negócios estava voltando ao normal, o Brasil declarou guerra à Alemanha, e desta forma a firma encontrou novos problemas. Mas, mesmo

⁶ Fumos capeiros - expressão utilizada para os tipos de fumos que são usados na capa dos charutos. Pois o charuto é formado de três tipos de fumos, inicialmente a chamada “capa”, assim denominada a folha externa do charuto, da capa passamos para o “capote” que vem a ser a capa interna do charuto, e por fim, vem a “torcida”, assim chamada a parte interna do charuto. **Suerdieck (1892-1946)**

com tais acontecimentos, a procura dos charutos crescia cada vez mais. No período de 1917/18, por sua vez, depois de três anos de guerra, a firma passou a sentir novamente os “reflexos da guerra mundial, houve um decréscimo de sua produção, motivado pela carência do fumo Sumatra, indispensável á fabricação de charutos.” (SUERDIECK, 1955, p. 26), sendo essa crise também solucionada e assim a fábrica, retomando a sua produção normal.

Finalmente, quando havia ameaça da paralisação dos seus trabalhos, chegou a 9 de abril de 1918, a primeira remessa do referido fumo, retorna, assim, a fábrica a sua marcha normal. Com o término da luta a aceitação dos charutos Suerdieck aumentou, elevando – se a sua produção de 5.000.000 passa a ser 10.000.000 anuais. (SUERDIECK S/A, 1955, p. 26/27),



Figura 7: Primeiro carro de entrega de charutos nas lojas de varejo
Fonte: Suerdieck Epopeia do Gigante

Sendo assim, em decorrência da ampliação geral dos negócios, houve a necessidade da criação de filiais, que seriam pequenas fábricas que teriam como objetivo estar em plena conexão com a principal, para atender a demanda crescente do serviço. Entretanto, não dando muito certo esta iniciativa, foi iniciada a construção de um prédio novo em Maragojipe, concluído em 1921 (Figura 8), quando houve a construção de uma passarela ligando o novo prédio ao antigo (Figura 9).

Esta passarela provocou protestos de parte da população. Sobre isto assegura César que:

O engenheiro Emílio Odebrecht projetou uma passarela de concreto para interligar a fábrica nova e a antiga, separadas pela Rua das Flores. A passarela provocou a reação de feirantes da zona rural, que acorriam aos sábados á feira de Maragojipe. Eles acreditavam que passar por baixo da ponte dava azar. Para evitar “a ponte Suerdieck”, os feirantes faziam um longo arroteio, evitando a Rua das Flores, até chegar á feira livre. (CÉSAR, 2000, p. 4).

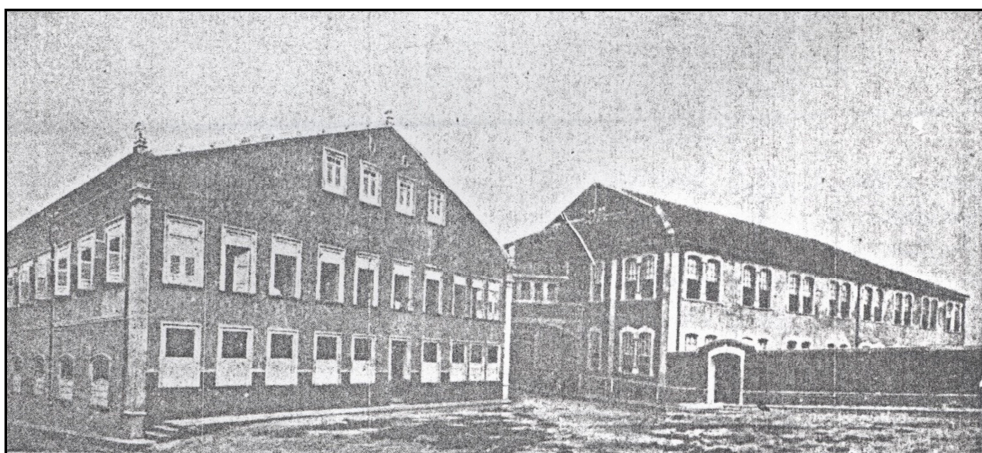


Figura 8: Fábrica em Maragojipe, 1921.
Fonte: Suerdieck S/A Charutos e Cigarrilhas

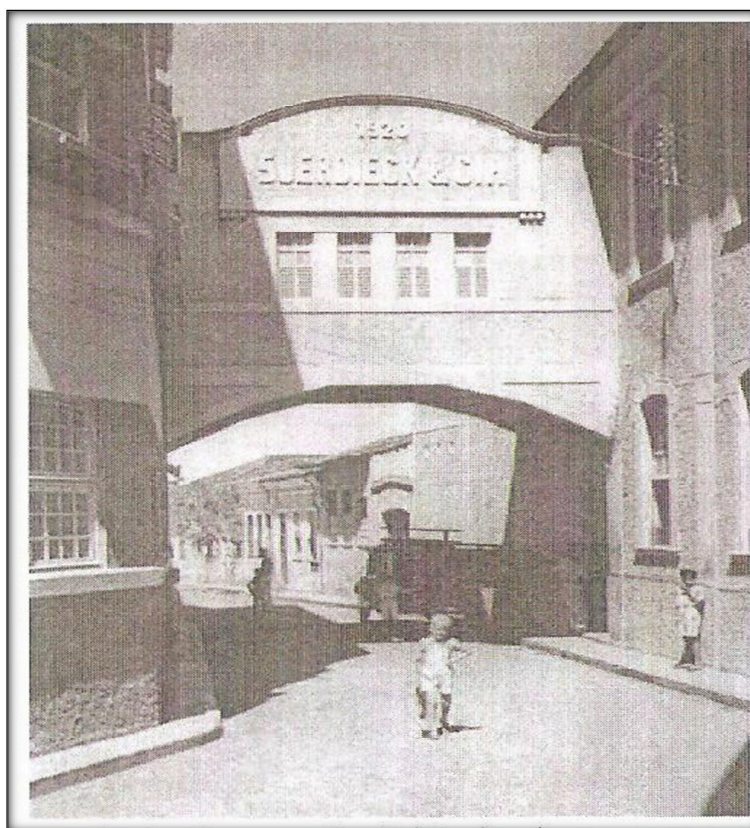


Figura 9: Passarela ligando os prédios da Suerdieck, 1921.
Fonte: Suerdieck S/A Charutos e Cigarrilhas

E assim, em 1923, mais um pavilhão foi construído, sendo chamado de “Repartição de Cigarrilhos” (SUERDIECK, 1955, p. 29), voltado para a fabricação de cigarrilhos.⁷

Durante uma viagem de férias, no rigor do inverno europeu, Ferdinand Suerdieck contraiu pneumonia, vindo a falecer em Luzern, na Suíça, no dia 17 de março de 1923, aos 47 anos e sem deixar descendentes. O sócio remanescente, o pioneiro August Suerdieck – com 63 anos e residindo em Salvador, onde supervisionava a exportação de fumos, que sempre foi a sua principal atividade empresarial – foi obrigado a definir o sucessor do irmão que vinha preparando para o comando da organização, onde, além do setor de charutos, já respondia pela lavoura fumageira da companhia. (PORTO FILHO, 2003. p. 34)

Após a morte do Sr. Ferdinand Suerdieck em 1923, assumiu seu lugar na fábrica o Gerhard Meyer (figura 10), a convite do Senhor August como o novo sócio. Aquele, por sua vez, relacionou-se com uma maragojipana com a qual teve dois filhos, e, em seguida, de um novo relacionamento teve mais um filho. Por fim, acabou se casando com uma das suas operárias, D. Tibúrcia (Figura 11), e com a mesma teve quatro filhos, um desses quatro filhos foi o Sr. Geraldo Meyer Suerdieck, que esteve no comando da fábrica durante 27 anos.

Porto Filho diz que: a “empresa sofre um forte abalo com o falecimento do Sr. August Suerdieck em 1930.” (PORTO FILHO, 2003, p. 38). A partir de então, passa a assumir o controle dos negócios da empresa sua esposa, D. Hermine Meyer Suerdieck. Essa também não resistiu, esteve durante esse ano muito doente e veio a falecer no ano seguinte.

Após uma breve enfermidade, de ordem emocional, August Suerdieck veio a falecer, no dia 23 de setembro de 1930, aos 70 anos. Sua viúva tornou – se sócia da companhia, [...]. Começava uma nova quadra na história da empresa, agora sem nenhum Suerdieck genuíno no comando da sociedade. No ano seguinte, quis o destino, mais uma vez, alterar a composição societária. Uma enfermidade, também de ordem emocional, gerada pelas saudades do marido, provocou a morte de Hermine Suerdieck, em Wiesbaden, aos 54 anos de idade, no dia 30 de outubro de 1931. (PORTO FILHO, 2003. p. 37/38)

⁷ Segundo o dicionário Larouse, Atica:Dicionário da Língua Portuguesa – Paris: Larouse/ São Paulo: Ática, 2001. Trata –se de um cigarro cujo invólucro é um fragmento de folhas de tabaco. Charuto pequeno e de fumo ruim.

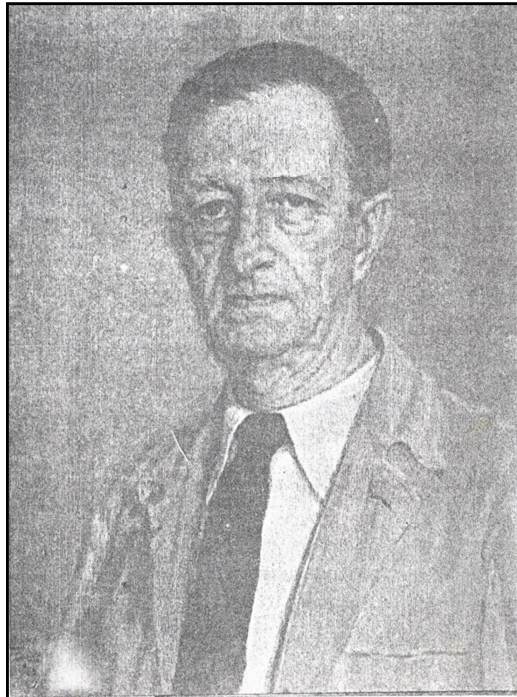


Figura 10: Gerhard Meyer Suerdieck.
Fonte: Suerdieck S/A Charutos e Cigarrilhas



Figura 11: Tibúrcia Meyer Suerdieck.
Fonte: Suerdieck S/A Charutos e Cigarrilhas

Então, a fábrica passa a ser administrada por uma nova organização, composta pelo Sr. Gerhard Meyer Suerdieck e sua esposa Tibúrcia Guedes Meyer Suerdieck, pedindo também apoio para um antigo colaborador, Karl Horn. “O irmão de Hermine, sócio remanescente, premiou um antigo empregado, homem da confiança de August Suerdieck. Gerhard deu a Karl Friedrich Horn uma participação minoritária na sociedade” (PORTO FILHO, 2003, p. 38).

Devido aos choques com a alteração do quadro de funcionários em decorrência dos falecimentos de seus dirigentes e fundadores, a empresa sofreu a perda e apresentou durante o período de 1930 à 1931 algumas consequências nos negócios.

Com as alterações que por força das circunstâncias foram elevadas a efeito na sua direção, os negócios da firma se ressentiram um pouco no período de 1930/1931. Guiados, porém, por um largo espírito de empreendimento e de progresso, os novos dirigentes não deixaram que desmoronasse a obra na qual tanto se empenharam os seus antecessores. Não só a conservaram como a desenvolveram e aperfeiçoaram (SUERDIECK, 1955, p.35).

Os novos responsáveis pela administração iniciaram uma construção, que foi naquele período a atual fábrica de Maragojipe, um importante estabelecimento. Anos depois, totalmente modificado, foram feitas novas instalações, com construções adequadas com cimento, estando tornando seus espaços adaptados, ampliados, ocorrendo assim uma maior capacidade produtiva.

Assim, foi fundada no ano de 1933, a firma Fonseca & CIA, tendo como sócios o Sr. Gerhard M. Suerdieck, José Fonseca e Karl Horn. Era uma espécie de depósito dos charutos Suerdieck na Bahia, que era responsável pela distribuição dos charutos e dos redespachos para “as diversas praças do país” (SUERDIECK, 1955, p.36). Ocorreu, nesse mesmo ano, a transferência de localidade do escritório da firma Suerdieck, para a Rua Pinto Martins, nº 6, sendo apenas uma estadia temporária, até que se concluísse o prédio próprio “a Praça da Inglaterra, que numa homenagem ao grande incentivador da firma, teve o nome de EDIFÍCIO GERHARD MEYER SUERDIECK.” (SUERDIECK, 1955, p.36).

A firma, em 1938, resolveu transferir o seu escritório central e a própria sede localizada em Maragojipe para Salvador (Figura 12), uma vez que todas as questões

já estavam sendo resolvidas na capital, sendo também esta local de moradia de seus sócios.



Figura 12: Escritório da Suerdieck em Salvador, 1938.
Fonte: Suerdieck S/A Charutos e Cigarilhas

É destaque no livro “Suerdieck, epopeia do gigante” que com o advento da Segunda Guerra Mundial, a Suerdieck passou a enfrentar novas dificuldades, a exemplo dos transportes, alta no preço das matérias-primas, havendo também questões internas.

Nesse momento, a empresa precisou de medidas que supostamente poderiam sucumbir as falhas existentes, e foi justamente o que ocorreu. O Sr. Gerhard Meyer Suerdieck, cautelosamente, promoveu uma série de medidas, que por volta da década 1930, já estava o auge o advento das leis trabalhistas, como também grandes mobilização dos trabalhadores por melhores condições de vida e de trabalho. Nesse sentido, foram instituídas algumas providências, com o intuito de melhorar e reorganizar a estrutura interna e externa. Ao tempo em que também reestruturou o seu quadro social.

Logo, os novos administradores perceberam a necessidade da criação de filiais da Suerdieck. E assim, foi estabelecida na cidade de Cruz das Almas, no ano de 1935 (Figura 13), uma filial da fábrica de charutos, onde só existiam armazéns de fumo. Conseqüentemente, foram surgindo na cidade de Cachoeira, no ano de 1936 (figura 14), na rua Dr. José Joaquim Seabra, foram iniciadas adaptações nos prédios para o bom andamento da fábrica.

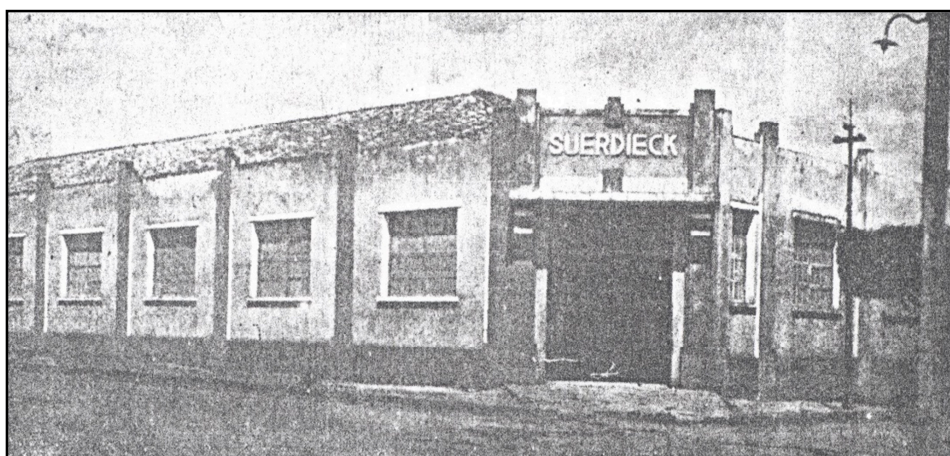


Figura 13: Filial da fábrica em Cruz das Almas, 1935.
Fonte: Suerdieck S/A Charutos e Cigarrilhas



Figura 14: Filial da fábrica em Cachoeira, 1936.
Fonte: Suerdieck S/A Charutos e Cigarrilhas.

A firma Fonseca & CIA chega ao fim com o afastamento do senhor Karl Horn em 1939, sendo também reformulado o quadro de sócios da Suerdieck, ficando apenas o senhor Gerhard Meyer Suerdieck e sua esposa D. Tibúrcia Guedes M. Suerdieck. Ressalta-se aqui que o Sr. Gerhard já tinha se naturalizado brasileiro,

uma vez que sua esposa era brasileira legítima, natural da cidade de Maragojipe (PORTO FILHO, 2003, p. 38).

Karl Horn, tenta dar um golpe já que era nazista legítimo, porém seu plano fracassa e é demitido. Com sua saída, a Suerdieck é nacionalizada. Gerhard já havia se naturalizado brasileiro, em 1931, em ato assinado pelo ministro da Justiça e dos Negócios Interiores, Osvaldo Aranha (CÉSAR, 200, p. 4).

Passando a Suerdieck, desde então, a ter como novo sócio, no ano de 1942, o Sr. Geraldo Meyer Suerdieck, de acordo com as informações encontradas na “circular de 1 de setembro do referido ano”. (SUERDIECK, 1955, p.41) (esse era um informativo da fábrica que destacava os principais fatos ocorridos sobre acontecimentos externos vivenciados na fábrica). E assim caminhou a empresa, fazendo novas nomeações, novos gerentes, criando-se toda uma renovação sobre o seu quadro de funcionários e sobre os valores dos mesmos. A empresa também não se esqueceu de modernizar as suas instalações. Dessa iniciativa, foi construído, na cidade de Maragojipe, um novo prédio, destinado para a aprendizagem.

Foi adquirido em Salvador pela firma um “Trapiche”⁸ (SUERDIECK, 1955, p.42), um armazém à beira mar para embarcar/desembarcar mercadorias. “A intenção da firma, ao adquirir o referido Trapiche, foi a de ampliá-lo mais tarde, anexando um frigorífico para armazenar, em condições próprias, os fumos capeiros.” (SUERDIECK, 1955, p.42). Entrando o Brasil na Segunda Guerra Mundial, surgiram maiores dificuldades atribuídas à questão de embarques, a falta de transportes, o que impedia as atividades de serem efetuadas regularmente. Isso acarretou consequências calamitosas, dando oportunidade para a preferência de outras marcas expostas no mercado. Porém, mesmo assim, eram os produtos da Suerdieck os escolhidos dos consumidores. Contudo, foi o elevado preço da matéria-prima nacional que colocou a firma em uma situação nada agradável, passando a apresentar sérias dificuldades.

Felizmente, foi tudo normalizado novamente. E, mesmo com esses contratemplos existentes, a firma teve uma temporada de uma espontânea melhoria

⁸ Conforme, o dicionário Larousse, ática, 2001, Trapiche significa: Armazém ou depósito para embarque ou desembarque de mercadorias.

de benefícios, incluindo todos que estavam inseridos no trabalho da firma, de colaboradores aos operários.

No ano de 1943, foi fundada na cidade do Rio de Janeiro, uma nova organização da Suerdieck, denominada “DISTRIBUIDORA DE CHARUTOS SUERDIECK LTDA” (SUERDIECK, 1955, p.45), iniciada a partir do falecimento de um sócio que fazia parte de uma firma que era depositária da Suerdieck na cidade referida, porém não houve expressão social.

Destaca-se ainda, mais uma criação de uma sociedade fundada pela Suerdieck na cidade do Rio do Sul, localizada no estado de Santa Catarina, chamada de “Indústria e Comércio de Madeiras Esperanças Ltda” (SUERDIECK, 1955, p.45), com o objetivo de melhorar o abastecimento de madeiras que eram muito utilizadas em grande quantidade pela firma, para a confecção de caixas, onde eram colocados alguns charutos de marcas.

Chegando ao final da Segunda Guerra e frente aos problemas ainda existentes, era constante o aumento dos negócios da firma, onde houve a ideia de transformar a firma em uma “sociedade coletiva por ações” (SUERDIECK, 1955, p.47). Foi inevitável, mas as indústrias sofreram os problemas do pós-guerra, a exemplo do aumento nos aluguéis dos diferentes meios de transportes, o alto índice do preço da matéria - prima, assim deixando a firma em condições desagradáveis, sendo obrigada a tomar algumas precauções, do tipo elevação dos preços de seus produtos.

A Suerdieck transformada em Sociedade Anônima, não diminui a aceleração do seu ritmo de progresso. A primeira Diretoria, escolhida a 2 de Janeiro de 1947, conforme escritura pública. (D.O.4.2.947), ficou assim constituída: Gerhard M. Suerdieck, Diretor/presidente - Geraldo M. Suerdieck, Vice-presidente, - Willy Haendel, Diretor/gerente, - Antonio Eloy da Silva, Diretor/gerente. (SUERDIECK, 1955, p. 48).

Sendo a empresa pega de surpresa pelo destino, morre o presidente, antes mesmo de completar seu mandato em julho de 1950, sendo esse lembrado por muitos que estavam direta ou indiretamente em convivência, com esse personagem que deixou sua expressiva marca. Assumindo o seu lugar na diretoria a viúva D. Tibúrcia Meyer Suerdieck, em homenagem ao seu marido falecido Gerhard Meyer Suerdieck no cargo de Diretor – Presidente, até concluir o referido mandato.

A Empresa chegou ao ano de 1949 sem maiores problemas no ramo industrial, embora o surto inflacionário em decorrência da guerra tivesse elevado os custos da matéria-prima e o custo das produções.

Foi nesse contexto que, no ano de 1950, constituiu-se e fundou-se outra organização, a Agro Comercial Fumageira através do patrocínio da SUERDIECK, sendo essa exclusivamente dedicada ao cultivo do fumo capeiro.

A Agro empregava até o ano de 1955 acima de 2000 trabalhadores, número esse que aumentava durante os períodos de picos de produção. A área de cultivo de fumo da Agro comercial Fumageira chegou até cerca de 500 hectares, com uma produção anual em torno de 500 toneladas de fumo. Aproximadamente 90% da produção é exportada e o restante é comprado pela Suerdieck Charutos e Cigarrilhas. Há produção de fumo durante quase todos os meses do ano, pois os cultivos são programados para tal. Os países importadores do fumo produzidos pela Agro são: Estados Unidos, Holanda, Bélgica, França e outros. (SANTANA, 1977, P.73).

Ainda nesse ano, surgiram outras organizações, como a “EXPORTADORA DE FUMOS SUERDIECK S/A”⁹ (SUERDIECK, 1955, p.50). Essa também sob o patrocínio da Suerdieck S/A, e com a mesma finalidade que as demais.

Já em julho de 1951, o boletim trimestral da Suerdieck tornou público um esclarecimento endereçado aos agentes que formavam a rede da distribuição nacional, descrevendo uma ocorrência inédita em sua trajetória, afirmando que a produção não conseguia dar vencimento aos pedidos. Sobre esse feito Porto Filho descreve:

Sempre constitui motivo de preocupação, as reclamações que, de quando em vez, recebemos dos nossos clientes, sobre a execução tardia dos seus pedidos. E mais nos preocupamos porque nem sempre somos julgados com justiça. Não raro, o cliente alega estarmos favorecendo a determinada praça, em prejuízo do fornecimento para outras, fato esse que nunca acontece. Além disso, nem sempre somos compreendidos quando nos vemos forçados a deixar de fornecer algumas marcas, ou a reduzir os totais encomendados. As nossas instalações fabris, tanto em Maragogipe como em Cruz das Almas e Cachoeira, estão sendo constantemente aumentadas. Em Maragogipe foram inauguradas, nesses últimos meses, três novos grandes pavilhões, para atender às necessidades do aumento da produção. A fábrica de Cachoeira sofreu radical mudança, pois foi transferida para um novo e vasto prédio, A fábrica de Cruz das Almas também sofreu consideráveis mudanças. (PORTO FILHO, 2003. p.135/136)

⁹ Livro: Suerdieck, 1955, p.50.

Nesse contexto, na tentativa de dar conta dos muitos pedidos, as fábricas chegaram a trabalhar em regime de horas extras, funcionando as três em conjunto (PORTO FILHO, 2003. p. 136).

Sobre essa fase alta de vendas e de fabricação dos charutos que a empresa se encontrava, os sócios resolveram investir em dois novos investimentos: a “implantação da produção mecanizada, para agilização na linha dos charutos populares que não poderiam faltar nas prateleiras do comércio varejista e a construção de um prédio para abrigar, em novas e adequadas condições a sede social da empresa”. (PORTO FILHO, 2003. p. 136). Assim, com a construção do Edifício Suerdieck, localizado na mais valorizada área comercial da cidade baixa, bem no centro financeiro de Salvador (PORTO FILHO, 2003, p. 136) (Figura 15) simbolizou também o coroamento de uma fase áurea, o Relatório da Diretoria, que acompanhou o balanço do exercício de 1956.



Figura 15: O Edifício Suerdieck.
Fonte: Suerdieck Epopeia do Gigante

Porém, no mesmo período da inauguração do Edifício Suerdieck, que se tornou símbolo visual do império charuteiro, a economia brasileira começou a sofrer profundas transformações, que tiveram serias consequências para o futuro da empresa, ficando evidente que no período entre 1956 e 1966 seria selada a sorte da Suerdieck como indústria do capital trabalho, esclarece Porto Filho:

A marcha da inflação foi determinante no paulatino empobrecimento das classes B e C, que sustentavam 90% do consumo nacional de charutos. Aliado a este fator, responsável pela queda nas vendas, ocorriam, paralelamente, os seguintes fenômenos: Os charutos ficavam cada vez mais caros, comprimindo a faixa consumidora; O perfil do fumante de charutos no país era de homens de uma faixa etária acima dos 40 anos, já havendo até uma sentença: “Para cada fumante da terceira idade que falecia não havia substituto”. Portanto, sem renovação, a clientela de charutos minguava; Os jovens aderiam ao cigarro, um produto barato, mais barato que do que os charutos populares; As críticas cada vez mais intensas contra os charutos, nos recintos públicos e privados, começaram a inibir os fumantes tradicionais. Até em casa os charutófilos começaram a ser perseguidos. Esposas e filhas combatiam o charuto reclamando do cheiro ativo e da cinza que caía nos tapetes, poltronas, etc. (PORTO FILHO, 2003. P.187).

Sobre o então quadro atual, pela primeira vez na história da empresa, a Suerdieck estava diante de uma forte crise, a qual poderia colocar em xeque o seu futuro. Diante da situação que havia se instaurado, o presidente resolveu promover iniciativas no segundo semestre de 1964, a fim de reverter o presente quadro que estava abatendo o desenvolvimento da fábrica, providenciou uma reunião composta por dez executivos, tudo no maior sigilo para evitar maiores constrangimentos. Do resultado dessa reunião e a avaliação dos executivos, criaram-se algumas medidas a serem seguidas. Sobre isto assegura Porto Filho que:

Importação de máquinas para elevação da produtividade dos charutos que pudessem ser vendidos a preços populares; Redução do número de marcas de charutos, mas conservando – se as preferências regionais; Incentivo á aposentadoria dos que já tivessem tempo de serviço para tal benefício;(…) Desativação paulatina da fábrica de Cachoeira, para, num prazo de dois anos, operar exclusivamente como depósito de beneficiamento de fumos destinados ás unidades fabris de Maragojipe e Cruz das Almas. (PORTO FILHO, 2003. p.188).

No entanto, a decisão mais relevante foi o investimento pesado de entrar no mercado das cigarrilhas, supondo que essa medida seria o passaporte para atrair os jovens para os charutos.

No início de 1970, a firma sofreu uma grande crise: em 63 anos de charutos, pela primeira vez, teve prejuízo operacional no exercício de 1968, chegando a caminhar até o ano de 1970, quando em plena crise a empresa teve que pedir ajuda financeira ao governo do Estado. Todavia, não houve muito êxito, o governo entendeu que não caberia ao estado solucionar o problema da Suerdieck, nada resolvido, e a crise prosseguia. “A fábrica de Maragogipe funcionava precariamente, em vias de uma paralisação total e definitiva” (PORTO FILHO, 2003, p. 206)..

Durante, o ano de 1992 a empresa comemorava o seu centenário, uma vez que essa história teve início com a vinda do Sr. August Wilhelm Suerdieck em 1888, para Cruz das Almas, como já mencionado neste trabalho.

A Suerdieck preparou uma exposição itinerante para percorrer dez capitais. A largada foi dada em Salvador, no dia 26 de abril, no Shopping Barra, seguindo depois para Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Brasília, Recife e Fortaleza. A mostra foi montada com 30 painéis fotográficos, catálogos de produtos e caixas de charutos. Mas, a grande atração, que atraiu às atenções do público, foi o trabalho de duas charuteiras, que fizeram demonstrações ao vivo, evidenciando a tradição da Suerdieck. (PORTO FILHO, 2003. P.232).

É destacado no livro “Suerdieck: Epopeia do Gigante”, que foi também durante o ano de 1992, que a empresa teve que tomar uma decisão bastante complicada, que mexeria na economia de um município. Pois, era entendido pelos novos administradores que não se justificava mais a Suerdieck continuar mantendo duas fábricas, numa região. A fábrica de Maragogipe, onde começou a história do charuto, era a maior e a mais equipada, porém a fábrica de Cruz das Almas se adequava no perfil que a empresa estava apresentando naquele momento, por ter menor custo operativo.

Sobre tal situação apresentada/vivenciada pelas cidades que mantinham a fábrica de charutos em funcionamento, a opção escolhida foi pelo encerramento das atividades da famosa fábrica de Maragogipe, ficando assim, todos os negócios de fumo e charutos concentrados na cidade de Cruz das Almas,

a capital do fumo baiano, onde exatamente há um século August Suerdieck começou sua caminhada empresarial e onde também se abasteceu de recursos, para mais tarde, iniciar a produção dos charutos Suerdieck (PORTO FILHO, 2003, p. 233-234).

Com a BR – 101 passando na porta da cidade, Cruz das Almas ficou em evidência e numa posição privilegiada. A rodovia foi a alavanca para o seu progresso e desenvolvimento. Por conta disto, o comércio varejista e atacadista prosperou, surgiram concessionárias de veículos, melhoraram os

meios de hospedagem, abriram – se restaurantes e surgiram várias agências bancárias. Isto sem falar já na existência da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia e no Centro Nacional de Pesquisa da Mandioca e Fruticultura, implantado pela Embrapa, que se transformou num pólo em tecnologia agrícola e deu a Cruz das Almas o título de principal núcleo produtor de frutos cítricos da Bahia. Ademais, lá estava também a sede da Agro Comercial Fumageira, pioneira no Brasil no plantio do fumo Sumatra. A Agro encontrava - se numa situação excelente, abastecendo a Suerdieck de matéria prima de primeiríssima qualidade e exportando muito fumo. Com 15 campos de cultivo em quatro municípios (Cruz das Almas, Sapeaçu, Muritiba e Conceição do Almeida), era a maior empresa brasileira na exportação de fumos capeiros. (PORTO FILHO, 2003. p. 233/234).

O fechamento da fábrica pioneira provocou descontentamentos dos operários e das autoridades municipais. Pois, por mais que tenham ocorrido alguns contratemplos, trabalhavam ainda na empresa muitos operários.

No final de 1995, teve início uma nova crise financeira no grupo Suerdieck, “sendo a fábrica gerenciada por Gisela Huch Suerdieck e seus filhos Geraldo Andreas era o administrador – financeiro e Gisela Elisabeth a diretora comercial. “O motivo principal pela crise foi à quebra da safra de 1955” (PORTO FILHO, 2003, p. 243).

Foram anos de investimento, com déficit histórico de capital de giro e sem financiamentos em curto prazo, “a Agro Comercial Fumageira, dona da Suerdieck, viu-se num processo de grandes dificuldades, colocando em risco a sobrevivência de todo o grupo empresarial.” (PORTO FILHO, 2003, p. 243).

Em 1997, houve uma mudança na organização da fábrica: a mesma já apresentava um quadro financeiro crítico, já estava tomada pela crise na Agro. Gisela então passou o comando à filha que esteve à frente do setor comercial da Suerdieck, mas Gisela Elisabeth não tinha muito que fazer, a fábrica já estava completamente esgotada nos recursos financeiros que eram drenados pela líder do grupo. Coube, então, a atual presidente prolongar o fechamento.

A produção de charutos foi interrompida em 30 de outubro de 1999, uma sexta – feira. No dia seguinte os operários entraram em férias coletivas. Na reapresentação tiveram a confirmação da notícia que mais temiam, o anúncio do encerramento das atividades e o fechamento da fábrica em caráter definitivo. O setor administrativo, que continuou funcionando durante o “descanso” compulsório do operariado, já havia concluído os procedimentos para as rescisões dos contratos de trabalho, garantindo que todo o quadro de pessoal – já reduzidíssimo, com apenas 100 empregados – pudesse obter, com maior rapidez, o seguro – desemprego do governo. (PORTO FILHO, 2003. P.244).

Assim, a Suerdieck fechou suas portas por completo, no dia das demissões dos empregados, em 1º de dezembro de 1999, na cidade onde a sua história começou, Cruz das Almas.

1.4 SUERDIECK E A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CRUZ DAS ALMAS

Como já mencionado neste trabalho, estando sobre a gerência da fábrica Suerdieck, no período de 1935, o Sr. Gerhard Meyer Suerdieck acompanhado de sua esposa D. Tibúrcia Guedes Meyer Suerdieck, estes apresentando um olhar incalculável de empreendimento e desenvolvimento sobre a firma, percebem que havia uma necessidade de expansão, e assim no referido ano é instalada na cidade de Cruz das Almas uma filial da fábrica de charutos Suerdieck.

O distrito de Cruz das Almas foi criado pelo Alvará de 22 de janeiro de 1815, antes, portanto, da Independência Nacional. O município, com território desmembrado do de São Félix, constituiu-se autônomo por efeito da Lei Estadual de número 190 de 29 de julho de 1897 (SUERDIECK, 1995).

O município, na época da instalação da filial da fábrica Suerdieck, estava sendo ministrado pelo Dr. Luiz Eloy Passos, sendo o Deputado Federal o Dr. Lauro Passos, foram esses bastante otimistas na causa da chegada da fábrica para a referida cidade. Não lhes faltaram apoio e incentivo dos dirigentes. Nessa época, a cidade apresentava apenas armazéns, que eram destinados para o enfardamento do fumo, e que não garantia assim à população uma vida economicamente estável.

A gerência desta filial, “ficou sob os cuidados do Sr. Johann Schink, que era técnico da fábrica de Maragojipe, depois, pelo Sr. Joseph Muelbert, Sr. Herbert Stern e outros que foram sucedendo” (SILVA, 2001, p. 62).



Figura 16: Fábrica de Cruz das Almas, inaugurada em novembro de 1935.
Fonte: Suerdieck Epopeia do Gigante.

Antes da chegada da filial da fábrica, a sociedade, como um todo, trabalhava aventuradamente nos armazéns. Esses, porém, não garantiam a essas pessoas uma vida economicamente estabilizada, pois o trabalho tinha uma durabilidade apenas de seis meses (dezembro a junho), existindo dessa forma trabalho para apenas esse período, ou até menos, tudo dependia da colheita. Ainda não havia nesse município, uma empresa que garantisse elevadas condições de trabalho à sociedade. Com a instalação da fábrica filial da Suerdieck na cidade, criou-se a expectativa de dias melhores, já que existiria trabalho para o ano todo, e com isso ocorreu, durante a instalação, toda uma movimentação, pois a empresa precisava de trabalhadores, principalmente de mulheres charuteiras, ou até mesmo aquelas que não sabiam ainda manusear o charuto corretamente, que ainda estavam em processo de aprendizagem.



Figura 17: Fábrica em Cruz das Almas: salão das charuteiras
Fonte: Suerdieck Epopeia do Gigante.



Figura 18: Fábrica de Cruz das Almas: salão de anelamento, celofanagem e encaixamento.
Fonte: Suerdieck Epopeia do Gigante.

Conforme Valdete Passos a empresa só contratava a partir dos dezoito anos de idade. Mas, como na época a necessidade de trabalhar era muito grande, muitas entravam para trabalhar com quinze anos de idade, sendo registradas após completar a idade correta dezoito anos, e assim viviam sua infância a mercê do trabalho. E não foi diferente das expectativas almejadas: a cidade apresentou um quadro bastante significativo de pessoas empregadas, criando desta forma um forte desenvolvimento econômico. Os trabalhadores da fábrica passaram a incorporar direitos até então desconhecidos por muitos.

Isso serviu como sustentáculo para o progresso financeiro da vida de muitos funcionários dessa empresa nesse município, ao empregar diversos moradores tanto da zona urbana, quanto da zona rural, como também de localidades vizinhas, estando essas informações evidenciadas nas fichas de registro da fábrica Suerdieck. Foi visível a relevância que teve a fábrica de charutos no cotidiano desses operários, assim como para o município, que até então apresentava suas bases primárias.

Conforme desenvolvia as atividades da fábrica principal que era instalada na cidade de Maragogipe e remodelando o seu funcionamento e as atividades, a empresa passou por grandes dificuldades, e a venda dos charutos unitários caía progressivamente. Desta forma, a Suerdieck teve várias crises sucessivas: inicialmente, em decorrência dos problemas econômicos que a empresa enfrentava, houve a necessidade de fechar a primeira grande fábrica de Maragogipe em 1992, sendo então transferidas todas as atividades para a filial da cidade de Cruz das Almas, que ficou conhecida como a capital do fumo baiano.

Fechada à fábrica de Maragojipe, a sede da Suerdieck Charutos e Cigarrilhos Ltda. Foi automaticamente transferida para o endereço da única unidade fabril remanescente da Suerdieck, á Rua 15 de novembro nº 25, bem no centro de Cruz das Almas, pois a cidade cresceu ao redor da fábrica. (PORTO FILHO, 2003. p. 235).

A cidade de Cruz das Almas que nesse período já possuía um elevado progresso em decorrência da BR 101, por deixá-la numa posição privilegiada, já possuía um alto poder de circulação no comercio varejista e atacadista, ou seja, a cidade progredia sucessivamente. A partir da transferência de todas as atividades para esse local, a atual diretora da empresa resolveu investir no setor educacional, criando a Escola Profissionalizante Gisela Suerdieck.

A idealizadora seguia o exemplo da Mercedes Benz e da Bayer, que mantinham excelentes escolas, profissionalizantes na Alemanha. A escola da Gisela começou com 30 vagas, para formar eletricitas e mecânicos, em cursos com duração de três anos, onde os alunos estudavam gratuitamente e recebiam alimentação. Primeira mulher a fazer sucesso num ramo tipicamente masculino, Gisela Suerdieck foi convidada para presidir a Câmara do Comércio e Indústria Brasil – Alemanha, Seção Bahia. Aceitou dizendo que sua missão seria “restabelecer os laços da Bahia com a Alemanha, que tinham sido fortes antes da II Guerra Mundial”. (PORTO FILHO, 2003, p. 235).

O progresso da cidade de Cruz das Almas, sempre num ritmo crescente desenvolvendo – se de modo apreciável, como dos mais importantes da Bahia, pela sua indústria pelo seu comércio, pelas suas atividades sociais e culturais, existindo o Instituto Agrônômico da Bahia e a Escola Agrônômica. (SUERDIECK, 1955)

Ao ressaltar o papel da Suerdieck na economia cruzalmense, Alino Matta Santana, memorialista da cidade, relata que a “Suerdieck é uma realidade inconteste já que, além de produzir em grande escala o fumo capeiro, tipo exportação, empregava uma enorme massa de operários.”(SANTANA, 1997, p.73).

2 PANORÂMICO DOS TRABALHADORES DA SUERDIECK NO PÉRIODO DE 1935 á 1950

Neste capítulo, foi feita uma análise nas fichas de registros dos funcionários da Suerdieck, no período de 1935 a 1950, a partir de uma seleção de fichas, sendo analisadas aleatoriamente 221 fichas nos períodos em destaque.

2.1 SEXO MASCULINO OU FEMININO?

Na maioria das fichas que foram analisadas, sendo distribuídas por ano e escolhidas aleatoriamente, constatou-se que muitos dos funcionários que trabalhava na fábrica de charutos Suerdieck durante 1935 a 1950 era do sexo feminino.

As fichas contêm informações sobre os tipos de cargos/funções que eram exercidos por esses trabalhadores. Dessa forma, criando até uma hierarquia sobre determinadas funções, sendo essas qualificadas como trabalho masculino e trabalho feminino, ou seja, uma divisão social do trabalho, já que o fazer charutos demandava outras particularidades como são observadas em outros tipos de cargos/funções expostos nas fichas. Foram encontradas determinados cargos do tipo: charuteira, banca, distaladeira, encaixadeira, pregador de caixa, aneladeira, trouxeira, ferração, torcida, cigarreira, quebragem, servente, carpinteiro, mudança de caixa, balanceiro, escolhedor, empapeladeira, servente, quebra-fardos, ajudante de mestre, passadeira, embalagem, capoteiro, ajudante de enfermeira, banqueiro e carapina¹⁰, esses dois últimos cargos só foram vistos apenas uma vez cada um em uma ficha. Nesse contexto, sobre um vasto acervo de cargos/funções que poderiam ser exercidos tanto para os funcionários do sexo masculino, quanto do sexo feminino, sobressai a função de charuteira que, conseqüentemente, era exercida por mulheres na maioria das vezes. O que fica subentendido que está relativamente ligado também ao fato de que a maioria desses funcionários sejam do sexo feminino.

¹⁰ Essas duas últimas funções: banqueiro e carapina não aparecem com frequência nas fichas de registros e também não são mencionadas nas entrevistas que foram realizadas, ficando um pouco distorcidas do contexto a qual função de fato seria.

Ser charuteira, como a expressão já indica, é ser a profissional que exerce a atividade de fazer charutos independente de quaisquer outros fatores, seja o método ou o lugar. Tanto para as fábricas do Recôncavo como para as próprias mulheres, fazer o charuto à mão ou à máquina, em casa ou na fábrica, implicava em diferenças que estabeleciam graus de importância. (SILVA, 2001, p.121/122).

Essas charuteiras faziam parte do grupo seleta que formavam o "primeiro escalão" da charutaria, com uma tarefa menor, porém o valor da sua mão-de-obra era maior que as demais e o seu prestígio junto aos mestres e gerentes, também maior, pois a boa charuteira, além do trabalho impecável, não desperdiçava o material, fazia todos os tipos de charuto, conhecia o ponto para a combustão que não podiam ser duros, pesados ou folgados demais, estavam sempre atentas aos devidos cuidados. (SILVA, 2001, p.122/123).

Pode-se concluir que na visão dos grandes empresários, como também na visão da sociedade daquela época, onde o estereótipo da mulher era de um ser frágil, delicado, jeitosa, entre outras qualidades, tenha de algum modo influenciado na aceitação e na maioria das mulheres para a fabricação do charuto. Situação esta, positivamente, relacionada aos fatores sociais e econômicos específicos de cada região naquele período, quando a mulher estava associada aos trabalhos domésticos e a cuidar especificadamente do trabalho da família, ou ainda a trabalhos que demandassem cuidados associados às mulheres, no caso aqui como o trabalho de charuteiras. Nesse grupo de análise, encontrou-se apenas uma ficha para cargo de charuteiro com dados de um homem, como mostra a (figura 19):

REGISTRO DE EMPREGADOS

N. de Ordem 638
N. de Secção

Nome: Eduardo Borges Santana

Filiação: Virginio J. de Santana e Honorata M. Borges

Idade 30 anos - Data do nascimento 28 / 11 / 1914

Estado civil: solteiro

Nacionalidade: brasileiro

Lugar do nascimento: Afonso, Pena

Residência: Rua da Gerema

Carteira profissional (Serie 65 N.º 55.997) I. A. P. I. N.º 529.997
5617789

Data da admissão ao serviço 14 / 9 / 1944

Categoria e ocupação habitual: charuteiro Salário: C/P

Forma de pagamento: semanal

Nomes dos beneficiários: mãe: Honorata M. Borges

Data: 14 / 9 / 1944 Assig. do empregado Eduardo Borges Santana

Cruz das Almas 14 de Setembro de 1944

Assig. do empregador P. S. ... & Cia.

Figura 19: Categoria e Ocupação Habitual – charuteiro.
Fonte: CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Famam.

Assim, esse caso pode ser considerado como uma situação rara e específica, no contexto em que todas as fichas analisadas com exceção apenas dessa, que foi encontrado um charuteiro, podendo haver alguns tipos de explicações decorrentes de alguns fatores que estão diretamente ligados ao contexto da fábrica.

Valdete Passos deixou transparecer em sua entrevista que isso poderia acontecer, sendo o trabalhador fichado em um cargo, mas estando esse dentro da fábrica exercendo outras funções. E/ou também existia o cargo para aqueles homens que confeccionavam charutos na máquina o que lhe confere o título na sua função de charuteiro.

Neste sentido, homens e mulheres formavam o quadro de funcionários das fábricas, porém as etapas de produção dos charutos eram concluídas por uma única charuteira o que fazia das mulheres a maioria responsável pela força motriz das fábricas. (SILVA, 2001, p.61).

Ao contextualizar o estudo da história das mulheres, percebe-se que essa história está inserida em um campo definível, principalmente nas duas últimas décadas, onde, apesar das grandes diferenças nos quesitos para elas alocados, em sua representação, no seu lugar no currículo e na posição que a elas foi concedida, no caso, pelas universidades e até mesmo por associações disciplinares, concluindo dessa forma que as conquistas das mulheres é prática que está se estabelecendo em muitas partes do mundo.

Compreende-se aqui que a emergência da história das mulheres, como um campo de estudo aprofundado, reflete uma evolução do feminismo para as mulheres e, conseqüentemente, para o gênero¹¹, ou seja, da então política para a história especializada e diretamente para a análise.

Gostaria de argumentar que a narrativa necessita de alguma reflexão crítica, não apenas por não ser tão simples, mas também porque representa mal a história da história das mulheres e seu relacionamento, tanto com a política, quanto com a disciplina da história. A história deste campo não requer somente uma narrativa linear, mas um relato mais complexo, que leve em conta, ao mesmo tempo, a posição variável das mulheres na história, o movimento feminista e a disciplina da história. Embora a história das mulheres esteja certamente associada à emergência do feminismo, este não desapareceu, seja como uma presença na academia ou na sociedade em geral, ainda que os termos de sua organização e de sua existência tenham mudado. (SCOTT.1992, p. 65).

¹¹ Gênero aqui, como palavra que distingue as palavras em masculinas, feministas ou neutras.

Então, nesse sentido, pode-se concluir que muitos daqueles que discorrem sobre a história das mulheres consideram-se envolvidos em um contexto político, no sentido de que para desafiar a autoridade dominante na profissão e na questão da universidade para mudar o modo de como a história é discorrida.

O que ficou evidenciado nas análises das fichas de registros sobre a quantidade do sexo masculino ou feminino, entre linhas, trata-se de uma questão de gênero, onde aparecem em maior quantidade o número de mulheres, que permeia toda história da classe operariado. O que pode ser evidenciado no gráfico a seguir.

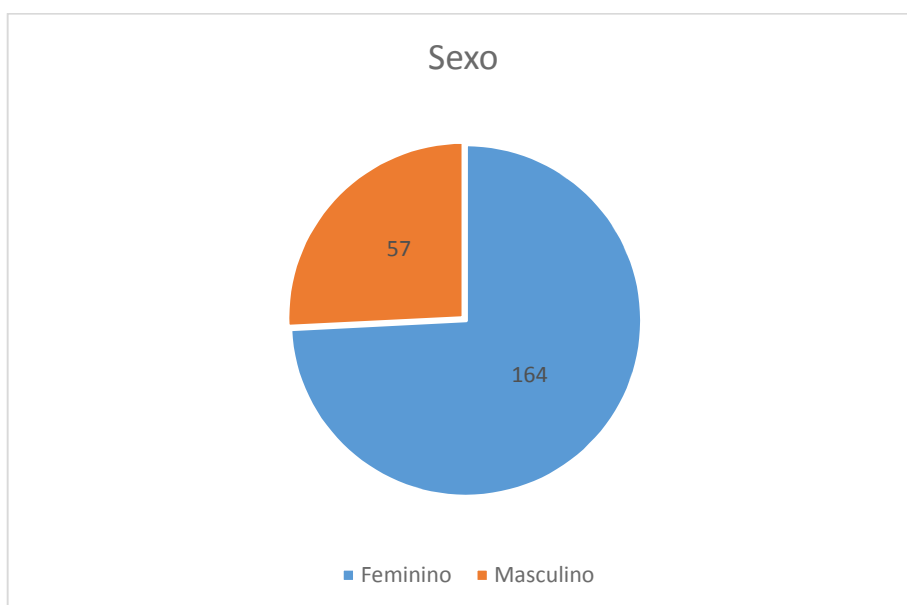


Gráfico 1: Sexo.

2.2 ONDE NASCERAM ESSES FUNCIONÁRIOS?

Consta nas fichas analisadas, que a maioria dos funcionários nasceu na cidade de Cruz das Almas, fato que pode ter suas raízes ligadas ao ano que foi criada uma filial nesse município, como também por ser um período que atividade charuteira estava em alta e por existir no Recôncavo uma empresa de charutos.

Observa-se ainda na entrevista concedida por Valdete Passos que mesmo a fábrica sendo localizada na cidade de Cruz das Almas, iam trabalhar na fábrica gente das diferentes cidades do Recôncavo Baiano.

Aparecem nas fichas cidades, como: Muritiba, Maragogipe, São Felipe, Sapé, Cachoeira, Feira de Santana, Castro Alves, Afonso Penna, São Sebastião, Conceição do Almeida, Santo Amaro da Purificação, Nazaré, Cabeceiras do

Paraguaçu e outros. Nesse contexto histórico, há uma evidencia de como a fábrica de charutos empregava uma massa de operários, desse Recôncavo Baiano. Apesar de haver, em algumas fichas, registros de cidades que não fazem parte do Recôncavo Baiano, como Porto Seguro na Bahia. (Figura 20)

85

REGISTRO DE EMPREGADOS

N. de Ordem 285

Salário de 400



Nome Cantídio Rodrigues Braga

Filiação: Argemiro Rodrigues Braga e Minervina A. Braga

Idade 17 anos -- Data do nascimento 5 / 8 / 1921

Nacionalidade: Brasileiro

Lugar do nascimento: Porto Seguro (Bahia)

Residência: Rua 2 de Julho

Carteira profissional (Serie 9º Nº. 66.320) I. A. P. I. Nº. 388.766

Data da admissão ao serviço: 8 / 10 / 1937 4.021.834

Categoria e ocupação habitual: Ferração Salário 400 diário

Forma de pagamento: Semanal

Nomes dos beneficiários: Paes; Argemiro Rodrigues Braga e Minervina A. Braga

Data: 3 / 1 / 1939 Assign. do empregado: Cantídio Braga

Data da dispensa: / /

Cruz das Almas 3 de Janeiro de 1939

Assignatura do empregador: **P. SUERDIECK & Cº.**
H. Stern Gerente

Figura 20: Lugar de nascimento – Porto Seguro (Bahia).
 Fonte: CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Famam

Sendo a maioria dos funcionários da cidade de Cruz das Almas, conforme as entrevistas, a filial da Suerdieck possibilitou a esse município, que antes não contava com nenhuma fonte de renda fixa, contratar uma boa parte da poluição, como também de cidades circunvizinhas. Oferecendo, assim, a essa classe de trabalhadores outras condições sejam elas financeiras, econômicas e culturais. Como também, possibilitando o desenvolvimento da cidade, que foi crescendo dentro de uma postura que girava em torno, de uma dinâmica exercida pela fábrica de charutos Suerdieck.

No município de Cruz das Almas, muitos dos ex-funcionários que tiveram uma oportunidade de trabalhar na fábrica de charutos Suerdieck apresentaram uma vida antes do emprego voltada para outro contexto, com particularidades distintas. Por sua vez, eram pessoas ainda sem muita expectativa, sejam voltadas para o social, como também para o econômico.

Os entrevistados afirmaram que praticamente começaram a vida na fábrica Suerdieck muito cedo, ainda crianças, mesmo não podendo, porque não era a idade de contratação estabelecida pela empresa, entretanto se aventuraram e enfrentavam o emprego. Fatores maiores contribuíram para tal acontecimento, precisavam ajudar financeiramente em casa, ou até mesmo em alguns casos, manter a própria família.

Ainda no município citado, Helenita Alencar, depoente, relata que antes da entrada na fábrica, trabalhava em armazéns de fumo, que era uma opção de emprego também, mas esses não apresentavam as mesmas condições que a Suerdieck oferecia. Nesses armazéns, o trabalho não era permanente, era uma contratação que durava apenas entre dois a seis meses, o que garantia o sustento apenas passageiro, e por isso via no emprego na fábrica Suerdieck esperança de dias e condições melhores.

Muitas das funcionárias passaram, anteriormente à Suerdieck, nesses armazéns para trabalhar, porém tinham suas carteiras de trabalho apontadas (assinadas) durante o período em que trabalhavam e não tinham garantias de benefícios, o que dificultava ainda mais a preferência e disponibilidade para a opção nesses referidos estabelecimentos. Ficando, dessa forma, marcado um perfil de como era a vida desses funcionários antes da Suerdieck, com muitas dificuldades e, principalmente, incertezas quanto ao sustento gerado pelo trabalho

Por essa vertente e sobre um olhar voltado para a questão de que a maioria dos funcionários seja da cidade de Cruz das Almas (Gráfico 2), pode estar diretamente ligado ao contexto da filial da empresa que se encontrava nesta cidade.

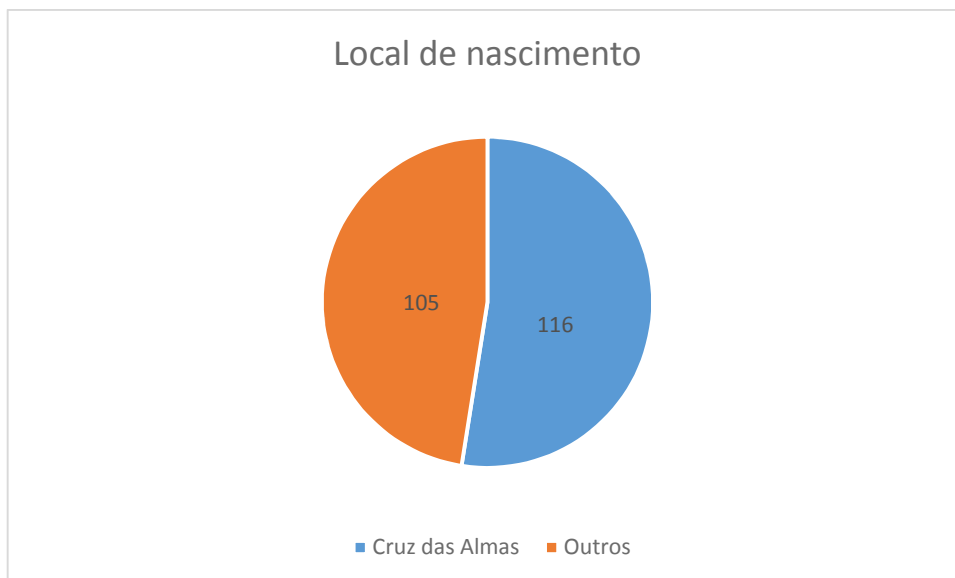


Gráfico 2: Local de nascimento.

2.3 ONDE RESIDIAM ESSES FUNCIONÁRIOS?

Após saber que a maioria dos trabalhadores da fábrica nesse período (1935 a 1950) era de naturalidade cruzalmense, coube a pesquisadora a tarefa de investigar/analisar por onde residiam esses funcionários.

Ao analisar as fichas selecionadas, foi possível perceber que os funcionários que trabalhavam na empresa Suerdieck residiam cinquenta e quatro na Rua da Estação (Figura 21) ou na Rua Ruy Barbosa (Figura 22), como aparecem nas fichas. Apesar de ambos os nomes referirem-se a mesma rua, porque atualmente essa rua, que é localizada no centro da cidade de Cruz das Almas, é conhecida pelos mesmos nomes.

31

REGISTRO DE EMPREGADOS

N. de Ordem 221

Robin de Santos



Nome Roque Ribeiro Queiros

Filiação: Porfirio Ribeiro Queiros e Maria Francisca Queiros

Idade 18 anos — Data do nascimento 20 / 3 / 1920

Nacionalidade: Brasileiro

Lugar do nascimento: Cruz das Almas (Bahia)

Residência: Rua da Estação

Carteira profissional (Serie N.º) I. A. P. I. N.º. 530.302

Data da admissão ao serviço: 9 / 1 / 1939

Categoria e ocupação habitual: Banca de Capas Salario 2,500 p. dia

Forma de pagamento: Semanal

Nomes dos beneficiarios: Pais: Porfirio Ribeiro Queiros e Maria Francisca Queiros

Data: 3 / 1 / 1939 Assign. do empregado: *Roque Ribeiro de Queiros*

Data da dispensa: *24 / 2 / 1940*

Cruz das Almas 3 de Janeiro de 1939

Assinatura do empregador: **P. SUERDIECK & C.º.**
A. Spem Gerente

Figura 21: Residência – Rua da Estação
 Fonte: CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Famam

N. de Ordem 323

REGISTRO DE EMPREGADOS



Nome Nair Souza Netto
 Filiação: Trajano Souza Netto e Percidia de Sousa
 Idade 18 anos — Data do nascimento 22 / 9 / 1921
 Nacionalidade: Brasileira
 Lugar do nascimento: Affonso Penna
 Residência: Rua Ruy Barbosa

Carteira profissional (Serie 9° Nº. 66.541) I. A. P. I. Nº. 1.340.187
 Data da admissão ao serviço: 24 / 7 / 1939
 Categoria e ocupação habitual: Aneladeira Salário c/propria
 Forma de pagamento: semanal
 Nomes dos beneficiários: Paes

Data: 24 / 7 / 1939 Assign. do empregado: Nair Souza Netto
 Data da dispensa: 3 / 8 / 1940
Crus das Almas 24 de Julho de 1939
 Assignatura do empregador: P. SUERDIECK & CO
Gerente

Figura 22: Residência – Rua Ruy Barbosa.
 Fonte: CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Famam

Sabe-se que a rua da Estação ou Ruy Barbosa era uma das principais ruas daquele período, pois ela era dividida por uma linha de trem, sendo umas das vias de acesso de movimentação de mercadorias e de pessoas. Talvez também por esses motivos tenha concentrado maior número de funcionários que trabalharam na Suerdieck. Pois, ainda, era uma das principais ruas de acesso à fábrica.

A rua da Estação ou Ruy Barbosa, até os dias atuais, mantém ex-funcionários da fábrica, sendo observados entre alguns dos depoentes, pois esses ainda residem nessa mesma rua.

Os outros cento e sessenta e sete foram distribuídos em ruas como: da Malva, Gerema, Rio Branco, das Flores, Alberto Passos, Dr. Ribeiro Santos, Dr. J.J. Seabra, Jenipapo, Estrada de Ferro, 2 de Julho, Victória, Matadouro, Manoel Vilaboim, Mata Pereira entre outras, conforme foi encontrado nas fichas.

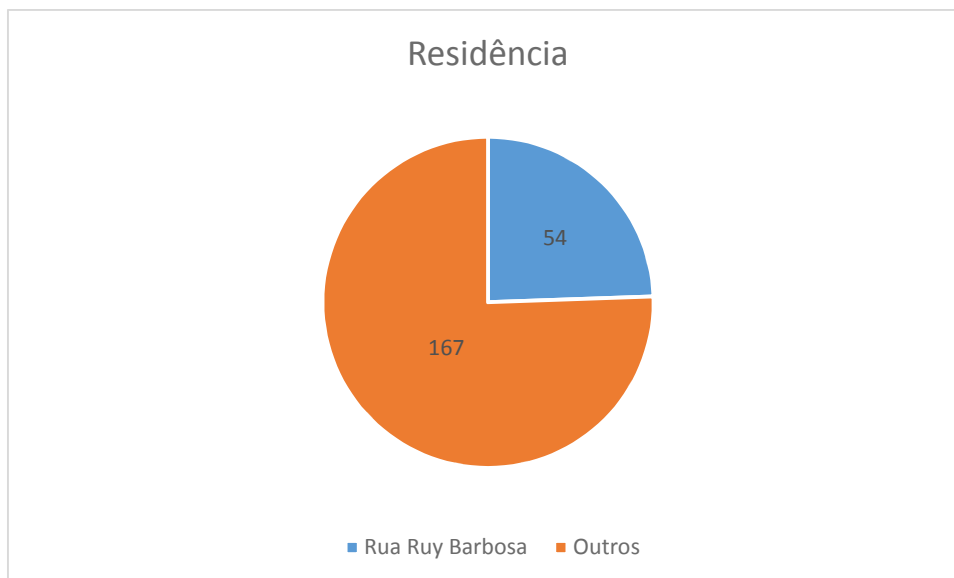


Gráfico 3: Residência.

2.4 A FUNÇÃO/ OCUPAÇÃO

Sobre o acervo das fichas que foram analisadas, como também as informações existentes nas mesmas, outro ponto de destaque é com referência ao cargo/ função que esses trabalhadores exerciam dentro da fábrica. Aparecem nas fichas um leque de ocupação, sendo algumas com maior frequência e outras menos, ou seja, algumas ocupações com maior número de trabalhadores e outras com menor número.

O cargo/função em maior quantidade foi o de charuteira. Talvez isso tenha acontecido e/ou possa ser explicado, porque o maior número de funcionários da fábrica tenha sido mulheres (conforme já mencionado aqui, neste trabalho). Além disso, a tarefa de manusear o charuto era da mulheres, motivo esse também já esclarecido, anteriormente.

Foram destaques nas fichas algumas ocupações do tipo: aneladeira, trouxeira, distaladeira, ferração, torcida, cigarreira, quebragem, servente, carpinteiro, balanceiro, mudança de caixa, banqueiro, escolhedor, empapeladeira, quebra – fardos, ajudante – mestre, passadeira, embalagem, capoteiro, ajudante de enfermagem, banca de capa. Assim, para cada etapa de elaboração do charuto tinha um tipo de ocupação responsável.

Valdete Passos, uma das depoentes, disse que para cada função/ cargo existia a sua sala própria e apropriada, ou seja, específica a cada fase de fabricação dos charutos. Não podendo dessa forma, serem misturados os tipos de funções e, conseqüentemente, as etapas de fabricação dos charutos. Cada sala era destinada a um tipo/fase exclusivo(a) de charuto, que tinha tratamentos específicos, e cada trabalhador já sabendo da função que iria desenvolver dentro da empresa, sabia também qual era o seu setor. Isso matinha assim, na empresa, uma certa organização.

Cada setor, dentro da empresa, era destinado a uma função, no caso as charuteiras, que aparecem em maior quantidade em ocupação, exerciam seu ofício, juntas as demais, onde todas naquele ambiente/espço realizavam as etapas de fabricação dos charutos que consistia em:

O charuto visto em sua forma acabada é feito a partir de três variedades de fumo, anteriormente já preparadas: a "capa", folha externa do charuto, escolhida entre o fumo de melhor qualidade que ao ser colocada, exige-se um grau de dedicação maior, principalmente, quanto ao acabamento o que eleva a apresentação do produto e, portanto, a importância e o valor da venda; logo em seguida, observa-se o "capote", folha interna, uma espécie de segunda "capa" ou subcapa, que também deve ser de boa qualidade, ou pelo menos próxima à qualidade da primeira e que envolve a "torcida", ou seja, o miolo, que pode ser em tiras ou espenicado, podendo utilizar as aparas que sobram do corte das duas capas primeiras e do afilamento das pontas do próprio charuto, ou o fumo próprio para este fim e que não precisa, necessariamente, ser fumo de alta qualidade, mas que não deve ser o de tão baixa qualidade. (SILVA, 2001, p.48).

Para que o charuto seja classificado como um bom charuto é necessário que o mesmo possua um bom preparo, e para alcançar isso é necessário passar por algumas etapas como o cumprimento do charuto, o fumo que foi utilizado, o formato e a grossura.

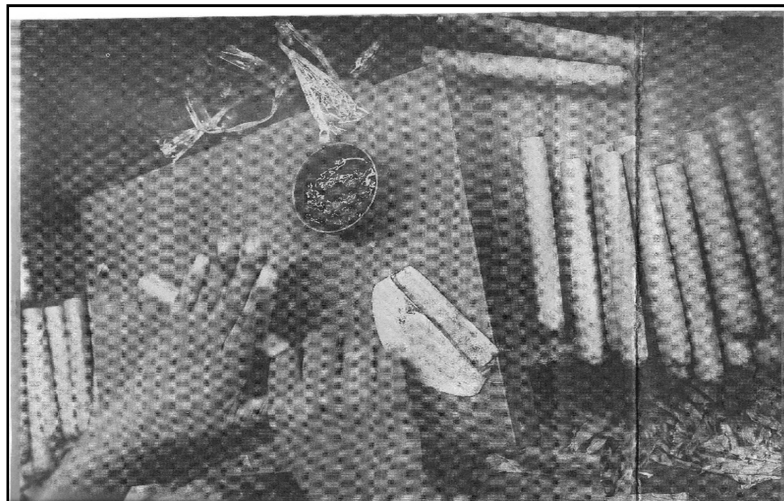


Figura 23: Confeção dos charutos pelas trabalhadoras.
Fonte: Correio da Bahia, edição impressa de 06 de agosto de 2000.

E assim, demonstrando o quanto era tão significativo e participativo esse quesito função/ocupação, que acaba por restabelecer o papel desses ex-funcionários dentro da fábrica, onde também se estabelecia a amizade, formando todo um contexto em que os vínculos iam favorecendo a outros que não estavam diretamente ligados a fábrica, ou seja, através desse conhecimento poderiam ser indicadas pessoas para trabalhar. Era uma parceria que ultrapassava o local de trabalho e que, muitas vezes, se dava devido ao andamento do desenvolvimento de um bom trabalho. Para que isso ocorresse, era necessário que existisse, no ambiente, harmonia, pois era muito mais agradável trabalhar nessas condições.

Era indispensável o convívio, o contato direto nas relações de trabalho, tendo em vista que passavam a maior parte do dia trabalhando em uma mesma repartição, querendo ou não, a comunicação era necessária, e assim muitos desses funcionários criaram uma relação harmônica uns com os outros. Essa harmonia se concretizava com o tempo, como relataram alguns dos depoentes. Segundo esses, os funcionários conversavam sobre as novelas exibidas pela televisão, algum acontecimento em família e as novidades do próprio local de trabalho. Eram conversas variadas e até muitas delas bastante divertidas e descontraídas.

Às vezes apresentavam setores que tinham uma relação maior, isso variava muito de setor para setor, onde tinha aquelas funcionárias de cargos/funções diferenciados que participavam dos festejos, das missas, estavam sempre em contato dentro e fora da fábrica.

Sendo tão significativo na vida de cada um que teve sua história marcada dentro da fábrica, como relatam nas entrevistas, que mesmo depois de aposentados, essas relações de amizade continuaram e se fazem presentes, até hoje, às vezes reaparecendo em um simples gesto, olhar e em encontros e reencontros nas ruas. As ex-trabalhadoras ainda declaram o quanto foi importante o trabalho, pois pela quantidade de pessoas que conheceram, percebem com era tão significativa a parceria, não importando qual o trabalho era desenvolvido dentro da fábrica.

Com isso, fica evidenciado que havia uma relação de interdependência convencional entre o ser charuteira de fato no sentido real da palavra e o estar charuteira no sentido real da ocupação do cargo que poderia ser ocupado não apenas por mulheres, como em alguns casos sendo também estabelecidos aos homens esta função.

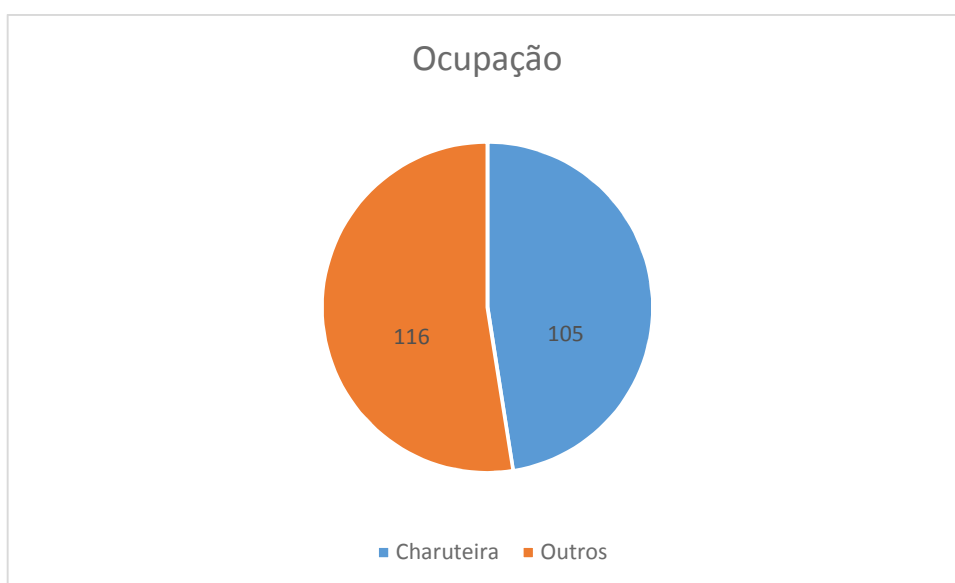


Gráfico 4: Ocupação.

2.5 INFORMAÇÕES INCOMPLETAS

Além das informações referenciadas que estavam presentes nas fichas, havia outras que são importantes também para exibir o perfil dos trabalhadores da fábrica

nesses períodos. No entanto, não foi possível contabilizar, ao certo, as outras informações, pois algumas fichas estavam em mal estado de conservação e outras apresentavam muitas vezes o local indicado com algum tipo de informação em branco, fato que poderia comprometer o resultado.

Mas, além dos quesitos já mencionados aqui, nas fichas de registros havia também a idade, data de nascimento, forma de pagamento, filiação, nacionalidade e o grau de escolaridade, além das fotografias individuais dos funcionários.

Sobre a idade desses funcionários que trabalharam nesses períodos, contatou-se, pelas fichas que puderam ser analisadas, que a idade estava entre o mais novo registrado com a idade de 14 anos, em três fichas, (Figura 24) e o mais velho com 56 anos, apenas em uma ficha (Figura 25).

REGISTRO DE EMPREGADOS

Estado emp.: Sotério *Ass. pelo Sr. Escrivão*

Nº. de ordem: A / 64 / 1936 Carteira Profissional: _____
 _____ / 50 / 1937 Serie: _____
 _____ / 37 / 1938 Nº. _____

Nome: MARIA DOS SANTOS

Filiação: Candida dos Santos

Idade: 13 / 9 / 1923 anos - Data do nascimento: 2 / 7 / 1923

Nacionalidade: Brasileira Lugar do nascimento: Muritiba

Residência: Rua das Flores Data da admissão ao serviço: 14 / 2 / 1936

Categoria e ocupação habitual: Charuteira Salário: c/própria

Forma de pagamento: Semanal Nomes dos beneficiários: Maria

Eduarda Alves Louza Junge
 Assignatura do empregado: _____ Data: 14 / 2 / 1936

Data da dispensa: _____ de _____ de _____



Figura 24: Idade 14 anos.
 Fonte: CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Famam

N. de Ordem 194

REGISTRO DE EMPREGADOS

Bahia de Santos

Nome Maria da Anunciação
 Filiação: Josepha Anunciação
 Idade 56 anos — Data do nascimento 14 / 8 / 1883
 Nacionalidade: Brasileira
 Lugar do nascimento: Sant'Anna do Catú (Bahia)
 Residência: Rua Dr. Ubaldo de Assis

Carteira profissional (Serie 9° Nº. 66.224) I. A. P. I. Nº. 388.710
 Data da admissão ao serviço: 14 / 8 / 1936
 Categoria e ocupação habitual: Distaladeira Salário Contá Propria
 Forma de pagamento: Semanal
 Nomes dos beneficiarios: Filhas Helena

Data: 3 / 1 / 1939 Assign. do empregado: a cargo de Maria da G. ...
 Data da dispensa: 3 / 1 / 1939
Cruz das Almas 3 de Janeiro de 1939
 Assignatura do empregador: P. SUERDIECK & Cº
H. S. fern Gerente

Figura 25: Idade 56 anos.

Fonte: CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Famam

A data de nascimento, relativamente, podendo ser associada com a idade, respectivamente aparecem nas fichas entre os anos de 1936 e 1883, variando muito entre os meses e as datas.

No quesito forma de pagamento, em quase todas as fichas (exceção apenas de uma) ela aparece como semanal, quesito esse que teve uma grande relevância, pois foi bastante comentado nas entrevistas, onde a maioria dos entrevistados declararam que através desse dinheiro que saía certo, todas as sextas-feiras, eles ajudavam no sustento familiar.

Devido ao emprego, alguns funcionários tiveram a oportunidade de experimentar o poder econômico e, conseqüentemente, social. Poder esse que estava geralmente relacionado com a condição de vida; esses funcionários passaram a adquirir condições de vida melhores. Então, com o trabalho na Suerdieck, o salário era contínuo, gerando assim mais renda, criando a possibilidade de construir ou comprar a casa própria, como aconteceu com a maioria dos entrevistados. Além do mais, com a disponibilização do dinheiro que recebia toda semana, tinham condições de comprar os objetos pessoais. Entre as fichas

analisadas, apenas uma, data de 1940, apresentava a forma de pagamento como mensal para o cargo/função de Em¹². Creche (Figura: 26).

REGISTRO DE EMPREGADOS N. de Ordem



Nome: Maria de Lourdes da Purificação
Filiação: Mãe: Maria P. Campos
Idade: 16 annos - Data do nascimento: 27 / 1 / 24
Nacionalidade: Brasileira
Lugar do nascimento: Campos - Sergipe
Residência: Rua Dr. Ubaldo de Assis

Carteira profissional (Serie No. 24.233) I. A. P. I. N.º 180.252
Data da admissão ao serviço: 1 / 6 / 1940
Categoria e ocupação habitual: Emp. da Creche Salário: 55000 mensal
Forma de pagamento: Mensal
Nomes dos beneficiários: Mãe: Maria Pereira Campos

Data: 1 / 6 / 1940 Assign. do empregado: Maria de Lourdes Purificação
Data da dispensa: 4 / 3 / 40
Cruz das Almas, 1 de Junho de 1940
Assignatura do empregador: P. SUERDIECK & C.
Garante: A. Stern

Figura 26: Forma de Pagamento: Mensal.

Fonte: CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Famam

Sobre as duzentos e vinte uma, fichas que foram analisadas distribuídas por anos, apenas essa, aparece no quesito forma de pagamento mensal, situação essa que não merece destaque, já que a maioria das fichas revelam que a forma de pagamento era semanal.

Para o grau de escolaridade foi concluído, a partir das fichas, que uma boa parte dos funcionários sabia escrever, uma vez que no quesito da ficha que constava “assinatura do empregado”, muitas fichas estavam assinadas, e outras nesse mesmo espaço não tinham assinatura, mas sim a impressão digital, o que nos

¹² Não foi possível identificar o significado da sigla registrada na ficha da Figura 26, nem mesmo durante as entrevistas.

leva a compreender que para aqueles que sabiam escrever assinavam o nome formalmente, e os que não sabiam, usavam a impressão digital, como acontece nos dias atuais.

Porém, é um resultado que não é muito confiável, pois existiam fichas que nesse quesito apareciam as duas coisas tanto a assinatura como a impressão digital, e outras no referido local, nada constava, o que dificultou chegar uma a conclusão específica sobre o aspecto grau de escolaridade.

A depoente Maria Dórea afirma que a escola na vida dessas pessoas foi uma passagem muito rara e, às vezes, nem teve. Muitas delas, hoje, apresentam o grau de escolaridade incompleto, relatam que até pelo próprio contexto da época e falta de oportunidade não havia condições para o estudo, e até pela própria falta de conhecimento e estrutura da família, em particular os pais. Outros fatores contribuíram também para essa situação, como a distância e as oportunidades de escolas que não eram muitas, juntamente com a organização que era estabelecida durante aquele período, pois existiam escolas isoladas, que ensinavam do primeiro ao quinto ano e ficavam localizadas em uma casa, com apenas uma professora responsável. Os que apresentavam uma idade mais avançada eram transferidos para outra escola, e diante dessas situações muitos acabavam por desistir e passavam diretamente para o trabalho, ficando esquecido por completo o estudo na vida desses funcionários.

Outro quesito específico das fichas de registro, que aparece, se não como o mais importante, mas como aquele que merece um destaque maior: são as fotografias/imagens.

Em cada ficha de um funcionário tinha uma foto 3x4, apesar de em algumas fichas, por conta do tempo e estado de conservação, não mais apresentarem a imagem, ou então essa não estava mais nítidas.

A importância dessas fotografias no processo de construção do perfil de uma classe operária torna-se imprescindível, pois possibilitam ao leitor distinguir sobre outros aspectos, outros olhares que revelam quem era na verdade esses funcionários da Suerdieck, durante esse período retratado. Sobre essas abordagens, destaca-se o campo da História das Imagens, como também o da História Social que abrange um leque de objetos de estudos, inclusive de agentes históricos inseridos no convívio social. Visto dessa forma, esses agentes históricos,

inevitavelmente, produzirão uma história do social. Nas palavras de Hebe Castro (1997):

A história social passa a ser encarada como perspectiva de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interligam. Frente a crescente tendência e fragmentação das abordagens historiográficas, esta acepção da expressão é mantida por muitos historiadores como horizonte da disciplina. (CASTRO, 1997, p. 46)

Essas imagens/fotografias dos ex-funcionários da Suerdieck revelam, entre outros aspectos, um perfil étnico, uma vez que, praticamente na maioria das fichas que foram analisadas, todos eram negros. No entanto, tal afirmação não se refere às fichas que não estavam em boas condições

As experiências ligadas ao campo da História Afro-Brasileira remetem a uma história em que o sujeito é sempre relegado, inferior e desqualificado, pela dita cultura eurocêntrica. Dalmir Francisco (2006) diz que “esforço de afirmar o negro como ser sem vontade e sem voz, o negro é apresentado/representado como ser sem voz e sem vontade, sem capacidade de falar e de dizer.” (FRANCISCO, 2006, p. 146).

Alguns historiadores ainda preferem utilizar diversos tipos de material como fonte, talvez pela qualificação que os levam a ficar mais à vontade com os documentos escritos. Consequentemente, não possuem o preparo específico para lidar com material visual, usando esse apenas de maneira ilustrativa, sob aspectos que podem parecer ingênuos ou até mesmo sem importância. Mas, as imagens têm proporcionado valiosas contribuições à nossa visão do passado e também do local em que nele está inserida a fotografia, que são usadas de forma sofisticada e especificamente histórica, conforme Gaskell:

O impacto cultural da fotografia sobre os últimos cento e cinquenta anos, tanto em si mesma, também deu origem, tem sido imenso, alterando completamente o ambiente visual e os meios de troca de informação de uma grande parte da população do globo. A fotografia transformou sutil, radical ... [...] Quase todos fazem uso diário da fotografia, seja como ilustrações, auxílios à memória ou como substitutos de objetos descritos através dela. (GASKELL.1992.p.241)

Exatamente assim, como foram trabalhadas as imagens contidas nas fichas de registros desses ex-funcionários. Dessa forma, essas imagens trazem uma


contribuição para esta pesquisa, no sentido de reafirmarem o que foi dito nas entrevistas pelos depoentes e o que as fontes documentais revelam eles.

Ao observar criticamente essas imagens, percebe-se, em algumas, que se trata de pessoas que pertenciam a uma classe social desprivilegiada e, conseqüentemente, a um grupo étnico-racial, historicamente, discriminado.

Isolina de Souza

REGISTRO DE EMPREGADOS

N. de Ordem 206



Nome Maria Azevedo Souza

Filiação: Isolina Souza

Idade 18 annos — Data do nascimento 8 / 9 / 1921

Nacionalidade: Brasileira

Lugar do nascimento: Cruz das Almas (Bahia)

Residência: Rua da Estação

Carteira profissional (Serie 9° N° 66.229) I. A. P. I. N° 388.737
3.970.744

Data da admissão ao serviço: 16 / 3 / 1939

Categoria e ocupação habitual: Trouxeira Salario Conta Propria

Forma de pagamento: Semanal

Nomes dos beneficiarios: Gregorio Azevedo

Data: 16 / 3 / 1939 Assign. do empregado: *a cargo de Maria Azevedo Souza*

Data da dispensa: / / *Antonio Guimarães da Costa*

Cruz das Almas 16 de Março de 1939


Assignatura do empregador: **P. SUERDIECK & C^o.**
A. Speer Gerente

Figura 27: Fotografia feminina.

Fonte: CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Famam

REGISTRO DE EMPREGADOS

N. de Ordem 344



Nome Saturnino Celestino dos Santos

Filiação: Jose Celestino e Maria dos Santos

Idade 21 anos — Data do nascimento 8 / 9 / 1918

Nacionalidade: Brasileiro

Lugar do nascimento: Sapé - Cruz das Almas

Residência: Rua da Estação

Carteira profissional (Serie 9° N.º 66.254) I. A. P. I. N.º 53e-3e4

Data da admissão ao serviço: 31 / 1e / 1939 3.239.363

Categoria e ocupação habitual: Servente Salario 4\$40 diário

Forma de pagamento: Semanal

Nomes dos beneficiarios: Mulher, Florentina Fonseca

Data: 31 / 1e / 1939 Assign. do empregado: Saturnino Celestino Santos

Data da dispensa: / /

Cruz das Almas 31 de 1e de 1939

Assignatura do empregador: D. SUERDIECK & C.º
Gerente

Figura 28: Fotografia masculina.
 Fonte: CEDOC - Centro de Documentação e Memória da Famam

Ao analisar as imagens acima, extraídas de fichas de registros de ex-funcionários (Figura: 27 e 28), pode-se observar claramente os traços físicos e culturais, tanto da mulher, quanto do homem, possibilitando traçar o perfil étnico-racial e cultural do quadro de funcionários da Suerdieck, do período em estudo. De fato, as imagens podem revelar muitas coisas, que às vezes um texto escrito não consegue.

Portanto, os funcionários que atuaram na Suerdieck, no período de 1935 a 1950, eram sujeitos, na sua maioria, negros que começaram a trabalhar desde cedo na fábrica, possuíam naturalidade cruzalmense; no que diz respeito ao sexo, a maioria era mulheres, que exerciam a função de charuteiras; muitos moradores da Rua Ruy Barbosa; todos tinham a forma de pagamento semanal, e a maioria deles sabia assinar o nome.

Dessa forma, com a análise dessas fichas de registro, foram constatadas outras particularidades, outras temáticas que envolvem a fábrica de charutos Suerdieck, onde esses funcionários fizeram histórias e construíram suas trajetórias com o seu trabalho.

Com a presença da Suerdieck, empregando uma quantidade relativamente grande de funcionários, dispondo de trabalho para o ano inteiro, sem interrupções, e contando ainda com uma organização estruturada, com destaque para o salário disponibilizado e a forma de pagamento, assim como alguns benefícios antes nunca oferecidos, tornaram-se visíveis e representativas as mudanças ocorridas na vida dos funcionários, de um modo geral.

Assim, é perceptível que as transformações foram positivas, contribuindo para a independência financeira, obtendo credibilidade para uma estrutura familiar, sendo possível manter o sustento financeiro e uma vida cheia de oportunidades, guardando até algumas economias para qualquer eventualidade que viesse a acontecer. E isso tudo só era possível graças ao emprego na Suerdieck, que mudou para melhor a vida desses ex-funcionários, que conseguiram se estruturar economicamente.

3 ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES: EX- FUNCIONÁRIAS DA FÁBRICA DE CHARUTOS SUERDIECK

A história que se pode escrever dos estudos sobre as mulheres pertence também ao movimento; não é uma metalinguagem, e irá atuar, tanto como um momento conservador, quanto como um momento subversivo... não há uma interpretação teoricamente neutra da história dos estudos sobre as mulheres. A história terá aí um papel atuante.

Jacques Derrida, 1984

Neste capítulo, procurou-se compreender a importância e o papel da Suerdieck nas áreas deste estudo, a partir de um conjunto de memórias e narrativas dos sujeitos que vivenciaram o trabalho nas fábricas, e que para além do estabelecido na historiografia oficial, forneceram as pistas para conhecer, de fato, o sentido do seu trabalho na fábrica Suerdieck.

A análise desses resultados se deu através dos cruzamentos de dados, onde dispôs-se a examinar registros e certidões, além de entrevistas que foram direcionadas a funcionárias antigas da Suerdieck. Além de procurar conhecer os impactos causados na vida dessas mulheres, buscaram-se suas vivências e experiências antes e depois da fábrica. Por meio dos seus relatos e narrativas, que teceram e formataram a vida social, fez-se uso da história oral e da história local como instrumento para recontar a história da Suerdieck e de seus funcionários. Assim, levou-se em consideração à contextualização do cotidiano e o indivíduo, promovendo a valorização da identidade étnico-histórico-cultural.

Compreendeu-se que através da oralidade pode-se manter a história viva, bem como desenvolver historiografia. Assim, comunga-se com o que Thompson diz: “é preciso preservar a memória física e especial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um, pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidenciados fatos coletivos” (TOMPSON, 1992, p. 17). No decorrer da vida, muitos documentos se perdem. Assim sendo, as narrativas nos propõe uma fonte viva na contemporaneidade. Entre infinitas formas de narrar e recontar uma história, pode-se conhecer por vários vieses uma história coletiva que se foi vivida de forma singular. Refletindo sobre esses fenômenos, pode-se compreender um passado presente através das narrações.

Mesmo com o passar do tempo, nossa memória tem a capacidade de trazer fatos significativos que marcaram vidas, fazendo as pessoas reviverem através da memória. Essa técnica é considerada, por muitos autores, como uma fonte rica de dados “a história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para uma história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita.” (ALBERTI, 2005, p. 155).

Para o relato da história da fábrica de charutos Suerdieck e de seus funcionários, além da história oral, utilizou-se também a história local que, “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas, em função dos relatos públicos do passado”. (TOMPSON, 1992, p. 57).

Esse tipo de história surge no meado dos anos 80, dando ênfase a novas perspectivas de ensino de história, a justaposição do indivíduo com o processo histórico, como parte fundamental da história à historicidade. Assim, faz emergir personagens e lugares comuns do cotidiano, tornando-os próximos, criando uma relação dialética entre o presente e o passado, objetivando a compreensão da sociedade e dos vínculos de poder, através da valorização, dessa recente especialidade da ciência histórica.

A história local,¹³ “traz um diferencial importantíssimo da história tradicional, que geralmente conhecemos nos livros didáticos, uma história pronta e acabada” (SAMUEL, 1990, p. 220), tornando as pessoas passivas diante do contexto e processo histórico. Essa nova proposta, objetiva uma nova perspectiva da história, a ressignificação do olhar, através da problematização do entorno, construindo historicamente, pois se compreende que falar de história local é fazer um resgate, é tornar vivo o passado histórico, desnudando e dando sentido questão ao pertencimento.

A história local é um fator imprescindível no resgate da valorização da autoestima do povo de uma determinada região, seja ela municipal ou estadual, pois interfere significativamente no seu passado histórico, fazendo emergir o sentido da questão do pertencimento dentro da relevância do cenário histórico. Partindo desse entendimento, compreende-se que a premissa que fomenta essa elaboração é a

¹³ A história local requer um tipo de reconhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia mais imediata do passado. Ela é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas no campo. (SAMUEL, 1990, p.220)

ideia de que a clientela escolar necessita de referências e auto-referências dentro do processo de ensino-aprendizagem, para que, para além de terem acesso ao conhecimento escolar formal, eles também mesclam vida cotidiana e vida escolar e protagonizem nos demais espaços sociais, sendo conscientes de suas raízes, sua identidade e sua pertença.

Surgiu no final do século XIX, a primeira fábrica fumageira na Bahia, entretanto essa expansão se deu no século XX, devido ao grande consumo do fumo, o que acarretou a valorização da fabricação de charutos sendo possível devido à qualidade da matéria prima e a boa mão de obra. Nesse período, as mulheres eram histórica e socialmente invisibilizadas, embora muitas expressassem gratidão (esse sentimento está estritamente ligado à necessidade de sobrevivência e asserção social).

A Suerdieck chegou a formar 15 empresas, entre as quais, oito se situavam em algumas cidades no interior baiano no Recôncavo da Bahia, entre elas: Cruz das Almas, Cachoeira, São Felix, Muritiba, Maragogipe, Governador Mangabeira, estendendo-se a outras. Entretanto, Cachoeira tornou-se ponto de chegada e partida de mercadoria por conta da ferroviária. Essa região tornou-se um centro fumageiro, por possuir vastas plantações de fumo, o que facilitava muito para todos. Nessa fábrica, o trabalho era desenvolvido em sua maioria por mulheres, entretanto foi possível identificar a hierarquia de cargos e poder, o que levar a identificar a questão de gênero e raça.

A fábrica passou por um período de precariedade no ano de 1945, quando ocorreu a guerra, ocasionando uma crise mundial. Nesse momento de turbulência mundial ninguém foi contratado, “durante a guerra não podia de forma nenhuma, que não vinha também matéria prima eu nem sabia o que era isso, aí não vinha matéria prima da Alemanha aqui para o Brasil e nem daqui para lá.” (DÓREA, 2015) Após o término da guerra, as coisas começaram a normalizar. Nessa época, muitas mulheres foram chamadas em casa, sendo também contratadas menores de idade algumas, ainda sem certidão de nascimento, aumentavam as idades, para poderem trabalhar. Esse ato não deixou de ser um ato de irresponsabilidade, pois na adolescência o correto é que estejam na escola. Entretanto, muitos iniciaram sua vida profissional, na fábrica Suerdieck, tendo a conivência dos pais, “eu não era registrada, foi minha felicidade foi essa, aí eu fui pedir a papai para me registrar, aí

esse registro, agora veja que falta de responsabilidade ali onde saía, mas todo mundo aumentou a idade nessa época” (DÓREA, 2015).

Não possuindo certidão de nascimento, documento que apresentava dados pessoais importantes e que era preciso para a contratação de empregos, e até mesmo matrícula em escolas, as pessoas ficavam a mercê da própria sorte, chegando até mesmo ao nível de elas mesmas se registrarem por conta própria e de qualquer maneira, avulso, como ressalta D. Maria Dórea:

Dona Santinha era a escritã e sabia fazer charutos também, naquele tempo como já tinha datilógrafo, mais era tudo feito à mão, aí eu cheguei lá e disse assim: Dona Santinha, papai disse que era para senhora me registrar ... mas que registro descarado esse [...] aí ela me deu o papel e eu precisava levar para a Suerdieck no outro dia pela manhã e como eu levei, me registrei ao meu modo... (Ex-trabalhadora da fábrica de Charuto Suerdieck, 85 anos).

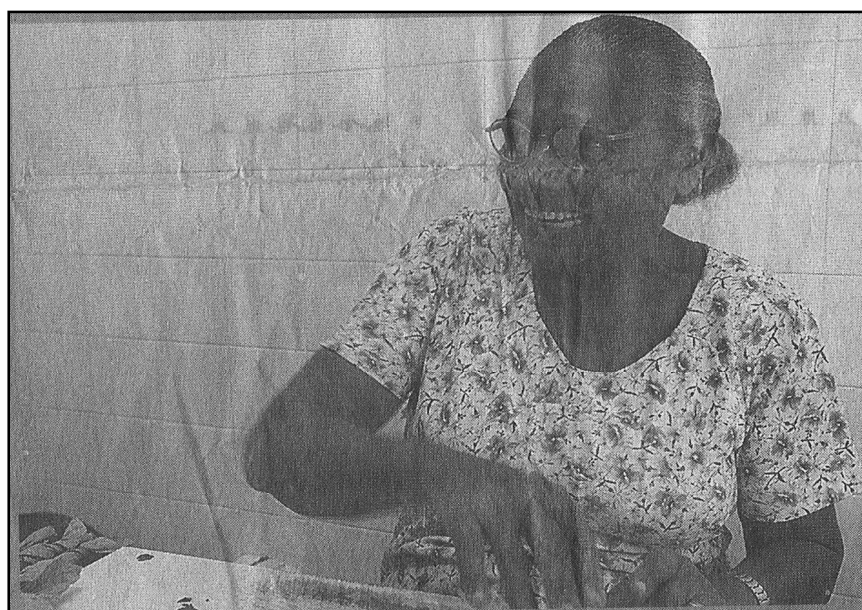


Figura 29: D. Maria Dórea, ex-trabalhadora da Suerdieck em Cruz das Almas.
Fonte: Correio da Bahia, edição impressa de 06 de agosto de 2000

Entretanto, essa descoberta levantou a importância de se ler essa história, além dos registros e documentos, para compreender a necessidade do olhar sensível do pesquisador que busca incessantemente o cruzamento dos dados para o fortalecimento da pesquisa. Assim o depoimento, o relato de cada membro faz montar uma nova história com novos olhares, palavras e visões dos seus próprios autores. Uma história que envolve a política, as classe, divisões e organizações

sociais que naquela ambiente eram estabelecidos. Além das especificidades de cada mulher que buscava naquele ambiente transformação cotidianamente.

As mulheres¹⁴ desenvolviam a função de charuteiras¹⁵, na fábrica Suerdieck, Trabalho que perpassava de geração para geração, de mães para filhas, sendo fonte de renda e sustento de muitas famílias, forma de sobrevivência para muitos, como afirma dona Jovelina (2015), “minha vó, minha mãe e eu trabalhávamos na Suerdieck, eu sei dessa história contada da minha vó pra minha mãe, que minha mãe me contava”. Os relatos demonstram que a cidade vivia certa independência, pois a maioria da população trabalhava na fábrica não ficando a mercê de políticos, “se aquele tempo voltasse a cidade dava um grito de independência, ninguém nunca ficou sujeito, perseguido em eleição, nem nada, que tinha seu trabalho tinham, pois a Suerdieck não tinha nada haver com política”.

As funções, segundo relatos, eram divididas para o fabrico de charutos e cigarrilhas. Tinham as bancas de capa onde o fumo era preparado, contudo existiam as pessoas que trabalhavam nas máquinas elétricas somente para encher os charutos e um setor específico para o fabrico do charuto totalmente manual. A fábrica também possuía o fabrico de charutos com aromatizante, tinha uma sala própria para colocar os charutos de quarentena, a fim de absorver aromas diversificados. Ainda existia outra repartição, que era um salão onde se fazia a molhagem do fumo. Esse espaço se chamava terraço, era cimentado, onde se encontravam os “homens do peso”, que pegavam os fardos do fumo para molhar, abrir, destelar. Era muito organizado, pois tinha: as anelarias que botava o anel, destalagem, sanfonaria, o setor que colocava o plástico, a carpintaria que fazia as caixas. Possuía setores diferentes para cada coisa, além do setor de fiscalização de qualidade.

O processo entre os/as operário/operarias na fábrica assim como nos demais espaços da sociedade existiam as subdivisões de cargos e funções por setores,

¹⁴ [...] na realidade brasileira, representa o desafio de vencer os obstáculos de cada conjuntura política e econômica que não tiveram como propósito reconhecer as mulheres como sujeitos economicamente ativos, ora mantendo-as excluídas do processo produtivo, reduzindo sua contribuição social apenas ao papel de mantenedoras do equilíbrio doméstico, ora explorando a sua força de trabalho como reserva de mão-de-obra, à sombra do homem trabalhador, além das péssimas condições de trabalho, não havendo uma substantiva valorização social da trabalhadora. (SILVA, p.67, 2001)

¹⁵ Uma função específica da arte feminina e uma das mais importantes funções dentro da fábrica; aquela que convergia às atenções dos demais setores; uma profissão totalmente artesanal e manufatureira que requeria total habilidade e concentração. (MAGALHÃES, 2004, p.10)

“tinha umas lá que gostavam de competir... mais eu nem ligava... cada uma trabalha em seu lugar sua seção tinha uma que era charuteira, tinha uma que abria o fumo... tinha analadeira” (OLIVEIRA, 2015). Assim, muitos vínculos de amizade se formavam, famílias de constituíam, existiam as charuteiras que buscavam se destacar e, às vezes, menosprezavam as demais pela habilidade que possuía. Entretanto, existia a parceria e o companheirismo. Muitas eram demitidas sem justa causa por “fofoquinhas ou perseguições de encarregados”, porém com a demissão desses chefes muitas procuravam novas oportunidades na fábrica e eram readmitidas como foi afirmado nos relatos.

As charuteiras eram contratadas, por um período de três meses de experiência como na atualidade, sendo a partir desse período encarregadas por uma bitola que, conseqüentemente, ganharia o nome de charuto. Muitas funcionárias entravam na fábrica com suas idades alteradas em prol do emprego e só saíam quando estavam em idade de serem aposentadas (a exceção disso era apenas quando estava doente ou quando decidiam por conta própria, caso que raramente acontecia, pois todos ansiavam por este emprego na Suerdieck). De acordo com a habilidade de cada uma, ganhava-se muito, pois existia uma meta mensal para cada charuteira, se não conseguisse ganhava o mínimo, se conseguisse ultrapassar os limites estipulados ganhava o excedente. Desse modo, muitas conseguiam ganhar dois, três salários, devido à boa produção que faziam, entretanto esse valor não entrava na carteira, apenas o mínimo era registrado, valor com o qual os funcionários eram aposentados, como afirma Pimentel (2015) “lá quanto mais você produzia você ganhava, ganhava até três salários...”.

Apenas em 1941, surgiu a fabricação de charutos feitos por máquinas operadas por homens, entretanto com uma qualidade inferior aos de fabrico artesanal feito por mulheres. Porém, mesmo sendo operadas por homens, o acabamento era feito pelas mulheres, para garantir um padrão de qualidade. Não possuíam padrões que determinassem os tipos de funcionários que haveria na fábrica, apenas alguns requisitos, como: saber fazer o charuto e ter boas informações. O status de funcionários da fábrica “aqui no comércio precisa só mostrar a carteira que comprovava que trabalhava na Suerdieck, pronto pode comprar, tinha o credito aberto”. (SILVA, 2015).

Na fábrica também, admitiam-se homens para a função de charuteiros. Entretanto, quase nunca exerciam, na Suerdieck, pois os homens ocupavam chefias, cargos de confiança, além de trabalhar no carregamento dos charutos de uma ala para outra, trabalhavam no setor de mercenária, trabalhava no setor de pulverização, era o motorista, eram guardas, mais para fazer charutos eram especificamente uma função desenvolvida por mulheres que dedicavam suas vidas a esse mundo tecido de sonhos e histórias.

As fábricas de charuto Suerdieck, durante os séculos XX, trouxeram grandes benefícios para a economia, trazendo lucros significativos para proprietários e comerciantes do produto. Entretanto, não se pode deixar de destacar que esses avanços significativos e benéficos para muitos eram gerados através da exploração de uma classe menos favorecida, ou seja, de mulheres, que embora fossem exploradas e não participasse justamente desses benefícios, sentiam-se “felizes”, por possuírem um dinheiro para sobrevivência familiar.

A Suerdieck passou a ser na vida de crianças, adolescentes e mulheres o anseio futuro. As crianças ainda muito cedo se sentavam com suas avós e anciãs para aprender a destalar, encontrar veias do fumo, fazer enchimento de charutos. Os ofícios já se iniciavam desde muito cedo, como foi declarado por uma das entrevistadas, que começou a se preparar para entrar na fábrica com 11 anos. Sua felicidade iniciou-se, segundo seu relato, quando uma idosa a chamou para ensinar a enrolar seu primeiro charuto, pois a Suerdieck chamaria novos funcionários, embora ainda fosse nova já existia o desejo de trabalhar, “dona Santinha com boa vontade que Deus dê o descanso eterno, botou a folha de fumo enrolou tá vendo Marinha? colocou a mão por cima do meu ombro, botou tudo arrumadinho pediu que enrolasse aí eu comecei enrolando.” (DÓREA, 2015). Percebe-se que já estava arraigado na cultura da população o desejo de aprender o ofício e transferir de geração para geração, era uma escola de formação profissionalizante, pois futuramente iria lhe conferir um vínculo com a empresa e uma vida melhor através do emprego que lhe seria conferido futuramente.

Além dos ensinamentos passados por mães e anciãs, a fábrica também possuía em Cruz das Almas uma escolinha que tinha como objetivo ensinar os/as adolescentes do município aprenderem fazer charuto. Essa escola era dirigida por um espanhol, na época homem de confiança da Suerdieck além do auxílio de

charuteiras experientes para desenvolver essa função, dividiam-se em pequenas equipes para o ensinamento da confecção dos charutos. Alguns adolescentes já vinham de suas casas com o jeito para o preparo do charuto, pois cresciam vendo seus familiares fazendo em casa, outros tinham dificuldades, porém com o tempo desenvolviam suas habilidades e manejo.

A escolinha era destinada exclusivamente para adolescentes. Entretanto, não se vivia tempos de mares de flores, muito menos era um ambiente que destilava respeito e o compromisso da formação profissionalizante, como era destinado o preparo de futuras charuteiras. Segundo entrevistada, era possível identificar a presença de abusos e aliciamento com as adolescentes como explica uma das vítimas, “no momento em que ele estava me ensinando ele passou a mão na minha perna, aí eu me enfureci, aí eu lembro que eu derrubei o banco, provoquei, xinguei ele de velho e ousado e aí foi para o escritório e foi aquela confusão”.(BATISTA, 2015).

Percebe-se além do abuso de poder, aliciamento de adolescentes, como também desvirtuamento no ambiente que tinha como perspectiva a formação de jovens, para que fosse futuramente charuteira, que no posteriormente prestariam serviço à fábrica Suerdieck. Esse processo de formação de jovens seria o que hoje se chama de menor aprendiz, a formação profissionalizante de adolescente com faixa etária de 14 a 24 anos. Entretanto, se esse fato fosse trazido para o mundo contemporâneo, seria julgado através de outro olhar, pois a exploração e abuso sexual de crianças e adolescentes é constituído como crime, como aponta o Estatuto da Criança e do Adolescente¹⁶, essa situação ocorreu com a entrevistada que na época tinha apenas 16 anos de idade. Segundo ela, esse fato não passou em pune para o “aliciador”, o mesmo foi demitido, pois temiam uma repercussão maior dentro e fora da empresa. Entretanto, a adolescente mesmo sendo vítima foi expulsa da escolinha e teve seu sonho de ser charuteira futuramente frustrado. Segundo a mesma, após alcançar a maior idade, retornou a fábrica através dos pedidos de familiares que já trabalhavam há muitos anos na empresa.

Nota-se ainda por meio das entrevistas que para muitos a Suerdieck foi o início de tudo, foi um espaço que lhes conferiu o primeiro emprego, o casamento, a

¹⁶ Art. 5º - Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

vida social e profissional. Descrever essa trajetória na atualidade significou reviver um passado marcado por sonhos, alegrias e tristeza, ou seja, vai muito além de uma simples narrativa de vida, pois percebe-se nos olhos brilhantes de cada entrevistada o reviver através das palavras que proferiram. A fábrica era considerada por muitas como o centro de suas vidas, uma escola onde lhe conferiam uma profissão e até mesmo alegria de viver.

Muitos cruzalmenses adquiriram riquezas e propriedades através dos vínculos existentes com a Suerdieck. De acordo com os relatos, quando a fábrica chegou à cidade de Cruz das Almas era considerada muito pobre, entretanto com a chegada de Suerdieck essa realidade se transformou. Houve muitos ganhos, entre os quais se destacam: o aumento do comércio, a casa própria, como declarou Petronilia (2015): “além da vinda da Suerdieck, não teve a escola de agronomia, pois não existia nada disso. Foi a Suerdieck que ofereceu emprego para esse povo, muitos investiam nos estudos dos filhos visando um futuro melhor”. A Suerdieck foi benfeitora para os cruzalmenses e regiões, pois viam-se sem emprego e sem fonte de rendas, até que a chegada da fábrica trouxe consigo a transformações nesse cenário de pobreza e desemprego.

Durante muito tempo a fábrica de fumo Suerdieck foi motivo de mudanças trazendo muitos pontos positivos para vida dos funcionários e suas famílias. Com o fechamento muitos se sentiram desamparados, como afirma a Sra. Eunildes, “Tive muita experiência lá... Aprendi muitas coisas lá: a contar, a produzir aprendi tudo e que até hoje uso na minha vida.”,¹⁷ “a Suerdieck representou em minha vida tudo de bom minha filha graças a Deus né, eu sair de lá aposentada.”¹⁸, “foi tudo em minha vida a baixo de Deus, tudo só tirando Deus, foi a coisa mais importante da minha vida, nunca trabalhei em outro lugar”.¹⁹ Se tornado um marco histórico da vida da população.

Embora algumas afirmassem o início de um novo tempo, submetiam-se a um trabalho muitas vezes indigno em prol de sua “emancipação”, pelo fato de ter seu primeiro emprego e renda, outras afirmam a condição, muitas vezes ilegal, por serem novas demais algumas nem possuíam certidão de nascimento, fazendo alterações nas idades para estarem na fábrica, além de reforçar a renda familiar,

¹⁷ PIMENTEL. 2015, p. 2 .

¹⁸ ALENCAR. Helenita Pereira de. Cruz das Almas. Funcionária da fábrica Suerdieck.

¹⁹ SILVA. 2015, p. 1

como declara a Sra. Maria Dórea “Mas todo mundo aumentou a idade nessa época para poder trabalhar...” As mulheres, em sua maioria, eram pobre e donas de casa, e por sua vez pertenciam a uma classe marginalizada. Entre a faixa etária de 11 anos de idade, muitas tiveram que escolher entre está nos bancos escolares e aprender a “encher, enrolar e capear²⁰ o charuto,” antes mesmos de serem contratadas.

Muitos relatam o impacto que o fechamento da fábrica acarretou na cidade, pois, “a maioria dos moradores da cidade trabalhavam e sobreviviam da Suerdieck.” (SILVA, 2015). Durante mais de cem anos, a fábrica foi fonte geradora de sustento para população de Cruz da Almas e região, os salários muitas vezes variavam de acordo com a produção de cada uma, “Também o trabalho de lá quanto mais você produzia você ganhava, ganhava até três salário...” (PIMENTEL, 2015). Essa forma de trabalhar por produção concedeu a muitos o sonho da casa própria como nos afirma dona Jovelina, “comprei essa casa com o dinheiro da Suerdieck”

Muitas mulheres ainda desenvolviam o trabalho manual em casa, sendo um charuto diferente da fábrica, pois o fumo não passava por refinaria. Entretanto, já possuíam compradores fixos, que buscavam um produto de qualidade, sem ter que pagar impostos. Assim, o trabalho dessas mulheres ganhava valorização de acordo com as necessidades da fábrica, pois quando possuíam muitos pedidos, essa mão de obra era valorizada, pois seus serviços eram solicitados, sendo assim suas rendas variavam de acordo com as suas produções, e as demandas das fábricas. Muitas ex-funcionárias depois de aposentadas ainda faziam charutos em casa para reforçar sua renda familiar, “[...] chegava um pedido grande, eles diziam manda pra ciclano, que tá em casa e sabe fazer, e recebia pelo trabalho né, ganhava um dinheiro extra, era muito boa a Suerdieck.”, assim afirma dona Jovelina.

Ainda há relatos que essas charuteiras, que produziam em casa, trabalhava para algumas fábricas “clandestinas” que não possuíam vínculo empregatício com os funcionários. Com o crescimento da produção dessas fábricas, a Suerdieck sentiu-se de certa forma ameaçada, passando a adquirir os charutos fabricados pelas charuteiras em casa, que as vezes somavam entre 12 a 15 mulheres em uma

²⁰ “Capiar, preparar o capote, pega a torcida que é o enchimento que o povo chamava de bucha pra encher, passava no papel pegar e formar né, e então depois pegava o capiava que era já o acabamento o acabamento era perfeito todo o charuto da Suerdieck era de bico, tinha o bico de lápis que chamava trançado e o bico batido tudo já para a exportação.” (Dórea, 2015, p.1)

casa, entretanto sem criar vínculos. Fazendo uma reflexão em torno desse contexto pode-se perceber uma forma de exploração de mão de obra, pois esses serviços não eram apenas desenvolvidos por mulheres, e sim por crianças que desde cedo eram ensinadas por suas mães e avós que almejavam uma profissão e emprego nas fábricas futuramente.

Entretanto, era visto por todos, como as portas abertas para uma nova vida financeira, as charuteiras que não possuíam vínculos com a fábrica, ou seja, que não eram registradas acabavam prestando serviços que geravam lucros, não apenas para a fábrica mais para a sociedade e região. Em busca de um trabalho mais fino, a Suerdieck dava sempre preferência às mulheres, pois por natureza eram vistas como dotadas, pelo extinto, de perfeição²¹ e sensibilidade o que daria um valor maior aos produtos confeccionados para o consumo regional e exportação. Esse agravante fez com que muitas barreiras se rompessem, pois ainda tinha a cultura do trabalho doméstico ser exclusivo da mulher. Entretanto, quebrou-se essa barreira muitos mulheres casadas, “mães de família”, dividiam seu tempo nos afazeres domésticos e ao trabalho na fábrica, buscando garantir o sustento da casa e da família além da divisão de despesas familiar.

Porém, esse trabalho feminino podia ser visto não apenas nas fábricas e nas casas, mas também no campo através da lida que se estendia do plantio, a colheita e a fabricação. Durante todo o processo das entrevistas, as depoentes demonstram sua gratidão à fábrica Suerdieck, pois trazem em suas falas o reconhecimento causado em suas vidas através da fábrica. Embora fossem as “geradoras” dos grandes lucros, por desenvolverem os trabalhos com carinho e perfeição, estavam sujeitas a serem vítimas do machismo e, pois estavam em cargos subalternos, sendo mandada e estruídas por homens que abusavam do poder para diminuir e mostrar através de uma hierarquia o “poder que possuíam”. As charuteiras em sua maioria, com muita resignação, dividiam sua vida entre os trabalhos domésticos e a vida na fábrica, demonstrando sua resistência e sobrevivência de forma digna, lutando para sobreviver.

²¹ “[...] o estereótipo da docilidade natural da mulher presente na visão dos empresários, assim como da própria sociedade naquela época, não resta dúvida que influenciou na preferência de mulheres para fabricar os charutos. Porém, essa exclusividade não ocorreu por determinação natural, explica-se pelos aspectos interligados entre si e resultantes de uma conjuntura social e econômica específica da região.” (SILVA, 2001, p.63)

Essas mulheres dividiam-se em diversas funções dentro e fora das fábricas, pois além de charuteiras elas eram mães, filhas, esposas, caminhavam na perspectiva da formação de suas identidades como mulher e trabalhadoras intercalando suas vidas econômica e social. A Suerdieck foi maior empresa de fabricação do charuto da Bahia sendo uma das grandes representantes no mercado de manufatura em Cruz das Almas, possuía um padrão de qualidade, seja nos charutos e até mesmo embalagens e caixas,

[...] auge da indústria manufatureira do charuto, que foi se definindo a geografia humana, social e cultural do Recôncavo Fumageiro, como resultado de uma interação socioeconômica vivenciada por aquela população.” (SILVA, 2011, p. 66)

Olhando por outro viés, a fábrica também trouxe muitos malefícios para vida da população que ali estava empregada, muitas mulheres desenvolveram doenças malignas não tendo a devida atenção e sofrem as consequências até os dias atuais. Uma das entrevistadas afirma que muitos adquiriram doenças, a mesma adquiriu crise alérgica por conta do fumo

me atacou uma alergia braba que até hoje eu sofro. era muitas doenças o cheiro do fumo era muito forte. Teve gente que eu conheço que desenvolveu o câncer... Era terrível essa questão das doenças maltratava mesmo o povo... (OLIVEIRA, 2015)

Sem falar na existência dos mencionados envolvimento extraconjugais relatados pelas entrevistadas na fábrica entre patrões e funcionárias, “só que tinham umas que dava ousadia para eles né... aí se envolviam com os gringos” (OLIVEIRA, 2016), em busca de melhoras de vida e até mesmo na perspectiva de garantir o emprego existia muitos envolvimento entre patrões e funcionários, “tinha mulher que ia pelo dinheiro era sério isso” (OLIVEIRA, 2016).

Não se pode jamais deixar de fazer uma leitura desse cenário, pois além do dito “dá ousadia”, pode-se ver a divisão de classes, as hierarquias e até mesmo o abuso de autoridade entre os patrões e as funcionárias, o adultério existia. Além disso, não se pode negar que o despertar do interesse pela funcionária a deixava, de certa forma, coagida, pois envolvia muito mais que um caso extraconjugal, constituía muitas vezes a falta de opção, o medo de perder o emprego, a insegurança, até mesmo uma visão distorcida de obrigação no serviço seja na

fábrica ou fora dela, são contextos complexos. Ainda citam-se que houve frutos dessas hierarquias e abuso de poder,

teve caso até em ter filhos com esses gringos minha filha, agora assim ele só machiam com quem dava ousadia, quem não dava eles não bulia não machiam, mais também tinha mulher que ia pelo dinheiro era sério isso. (SANTIAGO,2016)

As mulheres tinham muito dos seus direitos²² negados, entre eles o direito à maternidades, pois eram realizadas palestras de “conscientização”, e alerta da impossibilidade de permanência na empresa se houvesse casos de gravidez, como afirma a entrevistada, “lá tinha assistência médica, nós tínhamos direitos a anticoncepcionais, as mulheres não podiam engravidar se não eram demitidas.” (BATISTA, 2016. p. 4). Percebe-se uma grande imposição, uma condição imposta pela empresa para permanência das mulheres na fábrica Suerdieck, ou seja, se quisessem continuar empregada, o sonho ou desejo da maternidade tinha que ser esquecido. Nesse período, com certeza muitas mulheres abdicaram desse sonho para garantir a renda familiar. Infelizmente, embora já possuíssem esse direito de escolher e fazer o seu planejamento familiar esse direito só se tornou lei em 1996.

Segundo alguns relatos, no interior da fábrica, existiam algumas divisões, onde as mulheres de melhor aparência formavam uma só equipe ganhando destaque entre as demais, era a repartição chamada “catadinho” o setor das mais bonitas e bem arrumadas. Exigiam que as mulheres estivessem sempre bem vestidas, para uma boa apresentação,

eles visavam o que uma jovens de boa aparência, agora eu estou velha, não tô lá essas coca colas né. Mais quando jovem eu tinha um certo... chamava atenção, com esses olhos mais claros, esse estilo baiano” (BATISTA, 2015)

Algumas mulheres eram contratadas como charuteiras, entretanto desenvolviam outras funções fora da empresa, como a apresentação do charuto em exposições nos shopping nas grandes cidades.

²² Art. 226 da Constituição Federal, lei nº 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Art. 1º “O planejamento familiar é direito de todo cidadão, observado o disposto nesta Lei. Art. 2º Para fins desta Lei, entende-se planejamento familiar como o conjunto de ações de regulação da fecundidade que garanta direitos iguais de constituição, limitação ou aumento da prole pela mulher, pelo homem ou pelo casal. Parágrafo único - É proibida a utilização das ações a que se refere o **caput** para qualquer tipo de controle demográfico. “

Essa divisão mostra a sobreposição, simplesmente, pela aparência. Assim, é perceptível que a seleção para entrar e desenvolver a função de charuteira não havia muitos pré-requisitos, entretanto no interior da fábrica existia os pré-requisitos para formação de setores, ou seja, uma formação que ia além do puramente profissionalismo e das habilidades. Quando havia resistência por partes das charuteiras no envolvimento, surgiam as perseguições dentro do setor e até mesmo demissão. Segundo entrevistas, houve até casamento entre proprietários e operárias na Suerdieck de Maragojipe.

Muitas das funcionárias entrevistadas afirmam que um dos grandes agravantes para o fechamento da Suerdieck se deu através da queda de qualidade dos produtos fabricados, pois cargos foram confiados a pessoas que não tinham experiências, “que não tinham conhecimento recém-formadas em magistério, administração e assim não teve o controle de qualidade, ai depois de pronto pegava o charuto quebrava e jogava fora, ai chegou o ponto que chegou e fechou.” (SILVA, 2015). O fechamento da fábrica era previsto pelas funcionárias, pois chegaram tempos em que a qualidade deixou de ser importante dando espaço apenas a quantidade.

A existência da Suerdieck perdurou por aproximadamente 100 anos no Recôncavo Baiano. Esse centenário trouxe esperança, renovou forças e realizou sonhos, entretanto o seu fechamento trouxe um luto eterno para os/as operários/operarias, pois embora houvesse esperanças de reabertura, tinha-se o engano/ desengano dos proprietários que listavam implicações, como: a crise, a guerra, a falta de matéria prima, a dificuldade de exportação. Porém, a mudança de funcionário e emprego de pessoas inexperientes foi uns dos principais agravantes, pois houve muitos desperdícios, e uma queda exorbitante da qualidade do fabrico de fumo na Suerdieck, além da mudança da moeda no país de Cruzeiro para o Real, destaca-se a desvalorização do fumo.

Com o declínio da fábrica, a população se manifestou de diversas formas pedindo que não fechasse, colocando carro com autofalante na porta, para o não fechamento, pois isso acarretaria perdas imensuráveis para população. Segundo entrevistas, houve diversas alertas quanto à queda do controle de qualidade que consequentemente poderia acarretar prejuízos para todos/todas. No início, era uma organização de dava gosto, havia conferencia, inspeções no final do dia avaliavam

como foi à produção diária, os charutos que não passavam no controle de qualidade eles eram dissolvidos para preencher outros charutos. Entretanto, com o passar do tempo, segundo relatos, eram caixas e mais caixas de charutos sendo jogadas fora, pois as responsáveis pela inspeção de produção não sabiam fazer charutos eram meninas recém-formadas de Simões Filho, “não sabiam ensinar”, “eram muito dinheiro investido na compra do fumo, da farinha de trigo, utilizada para fazer o grude do charuto, que acabou não trazendo retorno a fábrica” (SILVA, 2015). Se uma análise fosse feita, seria percebido que havia investimento na compra de material e no funcionário para o fabrico do charuto, se no final do dia não se tinha uma boa produção, ou seja, jogava-se mais fora do que se vendia, a tendência seria o prejuízo segundo análise em tornos de relatos das entrevistadas.

Além da população, houve tentativas de diversos órgãos como, sindicato, prefeitura, governo estadual buscando reverter essa situação, entretanto a decadência já havia assolado a fábrica nada mudou a realidade.

Ao finalizar essa etapa da pesquisa, pode-se afirmar através dos relatos e análise que a Suerdieck foi uma empresa promissora não apenas para as cidades do Recôncavo da Bahia e região, os cofres públicos também foram beneficiados com a existência da fábrica. Entretanto, não se pode deixar de destacar as pessoas que compõem esse contexto histórico, bem como suas formas de exploração, entre as quais destaca-se a exploração de trabalho infantil, aliciamento, abuso de poder além da exploração da matéria prima de todas as formas do plantio a colheita e fabrico do charuto para importação e exportação pelo país a fora.

Deve-se fazer uma leitura das características sociais formadas por mulheres e jovens que, além de funcionárias, eram esposas e donas que buscavam conquistar seu espaço na sociedade além da independência. Por conta disso, enfrentavam lutas constantes nos seus setores de trabalho por estarem sujeitas a assédios sexuais, seja por parte dos colegas de trabalhos e até mesmo chefes e proprietários, além das lutas constantes de classe e raça. Essas mulheres charuteiras buscavam resistir ao machismo e dominação masculina que era visível por todo espaço da Suerdieck. As charuteiras eram admiradas por demais mulheres que não faziam parte desse cenário fumageiro, muitas viviam à mercê dos seus maridos que não lhes permitiam criar vínculos empregatícios.

A Suerdieck deixou saudades para todos/todas, pois por um centenário foi o motivo de conquistas e realizações pessoais, mesmo enfrentando assédios, crise e abuso de poder, vivia um paradoxo de grandes dificuldades seja ela na sociedade ou até mesmo em caráter material e ideológico. Entretanto, essas mulheres se orgulham por fazer parte da história da fábrica Suerdieck, pois recordam suas histórias e narrativas como se ainda vivessem esse passado que se faz presente até atualidade. Ser charuteira perpassava a função do fabrico do charuto, era-lhe conferido o papel de construtora de uma sociedade que gerava lucros para todos/todas ainda que fosse de forma desigual sendo visível através das divisões de classe e poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fábrica de charutos Suerdieck concentrou-se no Recôncavo Baiano, por mais de cem anos. Durante esse período, esteve em funcionamento com suas atividades a todo vapor, mesmo com os contratemplos e embates que não deixaram de existir, trouxe para a massa relativa do seu operariado, concentrada principalmente nos municípios de Maragogipe e Cruz das Almas, outra perspectiva de mundo, ao destacar as especificidades concentradas, particularmente, em cada pessoa que esteve em conexão com a dinâmica da fábrica, conseqüentemente, influenciando no desenvolvimento econômico dos referidos municípios em que a fábrica teve inserida.

Assim, foi possível identificar/traçar o panorama da historicidade da Suerdieck, através do levantamento de fontes bibliográficas que permearam sobre algumas particularidades dos fundadores, constatando todo o período em que surgiu a ideia de criação da fábrica, como foi idealizada, para quais finalidades, com que intuito, qual o perfil desses trabalhadores durante o período estudado. Essas foram algumas das indagações esclarecidas durante o andamento da pesquisa, pois seus criadores a idealizaram a partir de um único propósito de ganhar o tempo, que não era todo aproveitado com a exportadora de fumo, tendo como objetivo expandir o comércio dos charutos para o exterior. E ainda se constatou que o perfil desses trabalhadores estava diretamente ligado ao da população do Recôncavo que estava inserida no contexto da classe operariada. Isso acabou por legitimar e qualificar a empresa a nível nacional como também internacional, sendo os charutos da Suerdieck apreciados até mesmo por algumas grandes celebridades da época em questão.

Ao analisar as fichas de registros desses ex-funcionários da fábrica, pôde – se traçar o perfil desses trabalhadores nos quesitos de gênero, local de nascimento, a rua que residiam na cidade de Cruz das Almas, a função que a maioria exercia na fábrica. Analisando as imagens também contidas nas fichas, foi possível identificar o grupo étnico desses trabalhadores.

Também foi observada toda a dinâmica de funcionamento executada pela Suerdieck, ao tempo que possuía um elevado prestígio em relação às demais

fábricas existentes, que por ventura já se encontravam no mercado, a Suerdieck possuía um diferencial.

Para o município de Cruz das Almas, é possível afirmar que a Suerdieck representou no seu cenário cultural, social e econômico, um forte valor, pois como observado nas conversas de alguns dos depoentes, com o trabalho nela houve a construção de todo um conjunto de informações e sentimentos, reforçando a passagem dessa indústria na vida dessas pessoas, e sua valorização por ser um emprego fixo, que contemplava suas necessidades primárias. Para esse município, resta hoje apenas parte das ruínas, sendo que boa parte foi demolida, e no espaço construído outro órgão, acabando por destruir metade das lembranças do prédio da Suerdieck que esteve em funcionamento por mais de sessenta anos, oferecendo para os habitantes oportunidades de condições de vidas melhores.

Sobre as figuras de seus representantes criadores da Suerdieck, foi destacado que alguns deles estabeleciam uma relação profissional, os seus operários eram aqueles funcionários que tinham seus direitos assegurados, recebiam pelo o que trabalhavam. Assim, no município observado nesta pesquisa em que a Suerdieck esteve em funcionamento, ficou claro o quanto ela contribuiu de forma qualitativa para vida desses ex-funcionários.

A fábrica de charutos Suerdieck e cigarrilhos, inicialmente de caráter alemã, no decorrer de suas atividades, naturalizou-se brasileira, produzia diversos tipos e modelos de charutos que exportava para todo o Brasil, frente a uma organização incomparável, o que fazia de suas marcas de charutos os mais procurados no mercado, sucesso nos mais diversificados níveis. Com o advento dos fatos ocorridos externa e internamente, trouxe para o cenário da fábrica uma fragilidade, que aos poucos foi enfraquecendo sua dinâmica nos serviços, conseqüentemente, havendo primeiro o fechamento da fábrica centenária em Maragojipe, transferindo assim suas atividades para o município de Cruz das Almas, não conseguindo manter por muito tempo em funcionamento.

Muitos foram os empenhos de seus administradores, contudo foi inevitável controlar a falência que aos poucos estava tomando por completo a indústria. E assim a Suerdieck fechou suas portas por completo no ano de 1999, na cidade de Cruz das Almas, justificando tal ação pela praga que tomou conta de todo o fumo Sumatra, não tendo a empresa condição nenhuma em manter suas atividades.

Apenas ficou para a memória desse povo, a lembrança dessa tão importante fábrica, que representou em muitos momentos na vida de alguns ex-trabalhadores que nela teve seus serviços prestados, uma importante forma de vencer e progredir.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org), Fontes Históricas. São Paulo. Contexto, 2005
- BAER, Wener . **A economia brasileira**. São Paulo: Nobel, 2002.
- BARROS, J. D' Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BELLETI, André. **Maragojipe e sua história**. Salvador; Arcádio, 2000.
- BITTENCOURT. Circe Maria. **Cultura (s) e educação: entre o crítico e o pós – crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- BURKE, Peter (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.) **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Academia Baiana de Letras, Casa Jorge Amado; UFBA, 1998.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASTRO, Anfilófilo de. **Muritiba: sua história e seus fados 1559 - 1941. Digressões – Notas à Bahia**. Bahia: Tipografia Naval, 1941, 160pp.
- CARVALHO, Maria Cristina Machado. **A Família Cazumbá em São Gonçalo dos Campos/ 1870 – 1910**. Cachoeira, BA.2013.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. “Etnicidade: da cultura residual mas irreductível”. In: **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FRANCISCO, Dalmir. **Comunicação Identidade Cultural e Racismo**. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org). **Brasil afro – brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas/ Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira**. Salvador. EDUFBA, 2008.
- FRAGA, Walter. **Encruzilhadas da Liberdade. 1870-1910**. São Paulo, Unicamp, 2006.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Brasília: UFMG, UNESCO, 2003.

HOBBSAWN, Eric J. A Era das revoluções: Europa 1789 – 1848, tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

LAROUSSE, Ática: Dicionário da Língua Portuguesa – Paris: Larousse/ São Paulo: Ática, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 1996.

LESSA, Rosana Falcão. **Mulheres na Indústria Fumageira de São Gonçalo dos Campos – Bahia: Cotidiano e Memórias 1950 – 1980**. Feira de Santana. BA. 2010.

MAGALHÃES. Celma Reis. **Cultura e Trabalho: Estudo de caso dos operários da fábrica de charutos Suerdieck – Cruz das Almas, 1935-1970. 2004**.

MIRANDA, Jôsy Barcellos. **E não se ouvi mais o apito da usina: histórias, memórias e o cotidiano da comunidade negra rural do Engenho da Vitória, em Cachoeira/BA**. Cachoeira, BA. 2014.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e Local: Fragmentação e Recomposição da História na Crise da Modernização**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador: Arcádio, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo Sul: Terra, Homens, Economia e poder no século XIX**. Salvador, BA: UNEB, 2002.

PORTO, Filho. Ubaldo Marques. **Suerdieck, epopeia do gigante**. Ubaldo Marques Porto Filho. – Salvador: Ubaldo Marques Porto Filho, 2003. 400p.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **Fazer Charutos: Uma Atividade Feminina**. Salvador, BA. 2001.

SILVA, Elizabete Rodrigues. **As Mulheres no Trabalho e o Trabalho das Mulheres: Um Estudo sobre as Mulheres Fumageiras do Recôncavo Baiano**. Salvador, BA. 2011.

SANTANA, Alino Matta. **O livro do centenário, 1897-1997**. Marcos do progresso de Cruz das Almas. Edição especial do centenário. Prefeitura municipal de Cruz das Almas- BA. 1997.

SANTANA, Charles D'Almeida. **Fatura e Ventura Camponesas: trabalho, cotidiano em Migrações: Bahia: 1950-1980**. São Paulo: Annablume, 1998.

SCHWART, Stuart. **Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1 edição, 1998.

THOMPSON, Alistair. **Recompondo a Memória**: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. Projeto História (15) ética e história oral. São Paulo, Educ. 1997.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária: A Árvore da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FONTES

FONTES ESCRITAS

CEDOC - Centro de Documentação e Memória. **Catálogo das fichas e registros de empregados**. Cruz das Almas. 2009.

ELIESER. César. **O império do Tabaco**. Correio da Bahia. Salvador. Jornal diário. 2000.

PITANGA, Verdival. **Nossa Terra**. Cruz das Almas. BA. 1954.

PITANGA, Verdival. **Nossa Terra**. Cruz das Almas. BA. 1955.

SUERDIECK, 1892-1946 (Livro Organizado), Arquivo Pessoal.

SUERDIECK S/A – Charutos e Cigarilhas (Livro organizado), Arquivo Pessoal.

FONTES ORAIS

ALENCAR. Helenita Pereira de. Cruz das Almas. Funcionária da fábrica Suerdieck. 15 de dezembro 2015. Entrevista concedida a Priscilla Eloy.

BATISTA. Valdete Passos. Cruz das Almas. Funcionária da Suerdieck por 16 anos. 02 de junho de 2016. Entrevista concedida a Priscilla Eloy.

CARVALHO, Maria Conceição. 74 anos de idade, ex-trabalhadora da fábrica de charutos Suerdieck, residente a Rua Afonso Silva Ramos, Cruz das Almas. Entrevista concedida a Priscilla Eloy

DÓREA, Maria, 80 anos de idade, ex-trabalhadora da fábrica de charutos Suerdieck, residente a Rua Rui Barbosa, Cruz das Almas. Entrevista concedida a Priscilla Eloy

OLIVEIRA, Helenita Rocha de. 84 anos de idade, ex-trabalhadora da fábrica de charuto Suerdieck, residente a Rua Dr. Ribeiro dos Santos, Cruz das Almas. Entrevista concedida a Priscilla Eloy

OLIVEIRA. Petronília Santiago de. Cruz das Almas. Funcionária da fábrica Suerdieck por 5 anos. 28 de maio 2016. Entrevista concedida a Priscilla Eloy.

PIMENTEL. Eunildes Gonçalves, Cruz das Almas. Funcionária da fábrica Suerdieck por 19 anos. 02 de maio 2016. Entrevista concedida a Priscilla Eloy

SILVA Jovelina Guimarães. Maragogipe. Funcionária da fábrica Suerdieck por 25 anos. 13 de outubro 2015. Entrevista concedida a Priscilla Eloy.

FONTE ELETRÔNICA

Disponível em: [http:// www.ubaldomarquesportofilho.com.br](http://www.ubaldomarquesportofilho.com.br). Acesso em: 13/06/2015